

COLEÇÃO JOSÉ COSTA - 36

LEN D A S C A P I X A B A S



Maria Stella de Novaes

LENDAS CAPIXABAS

Maria Stella de Novaes



ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS

Ester Abreu Vieira de Oliveira
(Presidente)

Getúlio Marcos Pereira Neves
(1º Vice-Presidente)

Romulo Felipe
(1º Secretário)

Marcos Tavares
(1º Tesoureiro)

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

- PREFEITURA DE VITÓRIA -

Lorenzo Pazolini
(Prefeito Municipal)

Estéfane da Silva Franca Ferreira
(Vice-Prefeita)

Eduardo Henning Louzada
(Secretário Municipal de Cultura)

Elizete Terezinha Caser Rocha
(Coordenadora da Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim)

COLEÇÃO JOSÉ COSTA - 36

LENDAS CAPIXABAS

Maria Stella de Novaes

SEMC

Vitória (ES)

Prefeitura Municipal de Vitória

Secretaria de Cultura

2023

Copyright © Prefeitura Municipal de Vitória, 2023

CONSELHO EDITORIAL

Adilson Vilaça • Ester Abreu Vieira de Oliveira

• Francisco Aurelio Ribeiro

Elizete Terezinha Caser Rocha

• Getúlio Marcos Pereira Neves

ORGANIZAÇÃO: Academia Espírito-santense de Letras

REVISÃO: Pedro J. Nunes

CAPA e EDITORAÇÃO: Wilbett Oliveira

IMPRESSÃO: Editora Cajuína

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim (Vitória/ES)

N9351 Novaes, Maria Stella de, 1894-1981.
Lendas capixabas / Maria Stella de Novaes.- 3.ed. - Vitória, ES :
Secretaria Municipal de Cultura, 2023.
126 p. ; 21 cm.-- (Coleção José Costa, 36).

ISBN: 978-65-85121-70-5

Publicação em convênio com a Prefeitura Municipal de Vitória e a Academia
Espírito-Santense de Letras.

1. Lendas - Espírito Santo (Estado). 2. Folclore - Espírito Santo (Estado).
Vitória(ES). Secretaria Municipal de Cultura. II. Vitória (ES). Academia Espírito-
Santense de Letras. I. Título. II. Série.

CDD 398.2752

Distribuição Gratuita. Venda Proibida.
Biblioteca Municipal de Vitória “Adelpho Poli Monjardim”
bmvitoria@correio1.vitoria.es.gov.br

55 27 3381.6926

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| PREFÁCIO..... | 7 |
| INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 1 CAPIXABA..... | 13 |
| 2 A RAINHA DA SELVA BRASILEIRA..... | 16 |
| 3 O ENFERMEIRO DAS CONTAS BRANCAS..... | 21 |
| 4 A FONTE DA CAPIXABA..... | 23 |
| 5 O POÇO DE ANCHIETA..... | 25 |
| 6 O PENEDO..... | 27 |
| 7 A PEDRA DO DIABO..... | 28 |
| 8 A ÁRVORE NEGRA DO QUEIMADO..... | 30 |
| 9 O MILAGRE DO SINO..... | 32 |
| 10 O TESOURO DE CAÇAROCA..... | 34 |
| 11 A CRUZ DE MURIBECA..... | 35 |
| 12 FRADE E FREIRA..... | 38 |
| 13 ELISIÁRIO E NOSSA SENHORA DA PENHA..... | 40 |
| 14 MARAÇAPEBA..... | 42 |
| 15 O MORRO DO ALECRIM..... | 44 |
| 16 A BACIA DE OURO DA COBIÇA..... | 47 |
| 17 O PÁSSARO DE FOGO..... | 48 |
| 18 A VOZ DO GIGANTE..... | 50 |
| 19 A LANTERNA DO ITABIRA..... | 51 |
| 20 A PEDRA DA EMA..... | 57 |
| 21 SUMÉ..... | 58 |
| 22 A MANTEIGUEIRA ASSOMBRADA..... | 61 |
| 23 A SEREIA DE MEAÍPE..... | 64 |
| 24 A PRINCESA DO SUL..... | 67 |
| 25 O SALTO DA PRATA..... | 70 |
| 26 O FANTASMA DA PENHA..... | 72 |
| 27 O CAÇADOR DE FORNO GRANDE..... | 74 |
| 28 QUANDO O PENEDO FALAVA..... | 76 |
| 29 A PEDRA DOS OVOS..... | 77 |
| 30 AIREMA..... | 80 |

| | |
|---|-----|
| 31 A TRISTEZA DO URUBU..... | 83 |
| 32 JUPARANÃ..... | 85 |
| 33 O SONHO DE FREI PEDRO PALÁCIOS..... | 88 |
| 34 OS REMENDOS DO CÁGADO..... | 89 |
| 35 NOSSA SENHORA DA PRAINHA..... | 90 |
| 36 A PEDRA DOS SETE PECADOS..... | 92 |
| 37 A CAMPINA DO OURO..... | 93 |
| 38 COMO SAO PEDRO APRENDEU A PESCAR..... | 98 |
| 39 A DEUSA BRANCA DO PINHAL..... | 99 |
| 40 GUAXINDIBA..... | 103 |
| 41 MARATAÍZES..... | 107 |
| 42 A CRUZ-DO-CAMPO, EM VILA VELHA..... | 109 |
| 43 O JUDEU PESCADOR (OU A LENDA DE BRÁS GOMES)..... | 110 |
| 44 OS REMADORES NOTURNOS..... | 113 |
| 45 A CRUZ DAS ALMAS OU DE SANTO ANTONIO..... | 115 |
| 46 A ESTÓRIA DE CUSTÓDIO..... | 117 |
| 47 O NADADOR DE PEDRA..... | 120 |
| SOBRE A AUTORA..... | 123 |

PREFÁCIO

Em literatura oral, a lenda é a única estória que se localiza no tempo e no espaço. Raramente, é original e típica; mas, sempre um tema que viaja através de variantes, que lhe dão colorido local adaptador.

Há lendas, as mais simples, constituindo o lastro granítico da tradição. Já não são, evidentemente, puras, porque sofreram o processo deformador da fixação distante. Cada narrador acrescenta-lhe pormenor e movimento, e a terra ambiente conquista aos temas universais uma nacionalização inevitável. Fauna e flora substituem os elementos naturais afastados e a lenda viaja, muitas vezes, ao redor do mundo.

Já o título, lenda, legenda, denuncia a forma gráfica e nesta o vestuário, à mercê da colaboração inconsciente. Algumas, milenárias, circundam as auréolas das santas católicas, e outras emigrando, pela lei da convergência, tornaram-se subsidiárias das figuras centralizadoras dos motivos.

No estudo das dispersões das lendas, nota-se justamente como elas procuram a paisagem mais próxima da explicação sentimental que as criou. Um pesquisador sente a presença literária, a “invenção” intelectual, afastando da veracidade tipológica o verismo psicológico dos personagens.

A lenda é uma explicação lírica de um acidente natural. As denominadas “etiológicas” justificam aspectos de serras e cordilheiras, estranhezas de pedras, que a erosão esculpiu grutas misteriosas, árvores centenárias, lugares ermos e sugestivos, lagos imóveis, águas sonoras, rumores, musicalidades, uivos lúgubres de ventania, variedades de ressonâncias, existência de determinadas relvas, arbustos e flores, em sítios pouco acessíveis e fatais. A alma popular tem a sua hipotipose inesgotável, dando vida às suas criações espontâneas e sedutoras.

Da. Maria Stella de Novaes recolheu, com a mão amorosa de mestra e enamorada veterana das tradições capixabas, quarenta e sete lendas, quarenta e sete estórias do povo, com o carinhoso desvelo e a paciência meticulosa com que cuida e ama de suas orquídeas maravilhosas. São quarenta e sete elementos preciosos, para análise das transformações temáticas, da permanência do misticismo emocional, do convergente amor nativo e colonizador, dos frades Santos, das ações milagrosas de Nossa Senhora da Penha, dos escravos sofredores, criações de fontes, ouro enterrado e até a maraçapeba, quase universal ciclo do “peixe castigado”, vivo nas águas do Báltico, vai repetir o atrevimento sacrílego, na transparência atlântica de Vitória.

Cabe-me louvar a linguagem apaixonada, com que moldurou as lendas. Estou farto de tentativas “científicas” de conservar as lendas cheias de cor e de movimentação, no gelo da terminologia convencional. E Da. Maria Stella de Novaes apresenta suas lendas, como flores nativas, dispensando-se de compará-las, confrontá-las com as variantes que correm o continente, atravessam os dois oceanos, de Leste a Oeste, e vão frutificar, em versões e modelos fraternais, na África, Ásia, Europa e também nas ilhas dos mares do Sul; enroladas de encantos e de nuances atraentes. O essencial é justamente recolher e expor Moisés, no seu berço de junco, os temas que presidem ciclos e seduzem a erudição afetuosa dos folcloristas velhos.

Flores que independem da classificação binominal. Quem ama o Povo e com ele convive sabe da perenidade dessa riqueza cultural. Sabe que, no silêncio e recusa expressa, nas duras fisionomias melancólicas, esconde-se o fio d’água cantante da poesia eterna. Ninguém pode deduzir quanto existe, para a colheita apaixonante, o infinito aberto em todos os setores da vida urbana e rural, espigas de ouro tapetando o solo, na espera das Rutes dedicadas e fiéis.

Nos meus anos de caçada folclórica aprendi a confiar na fidelidade das memórias coletivas e crer que os romances do Século XVI, as estórias faziam rir os Cruzados, em Jerusalém, e os árabes de Saladino, como os soldados de Maomé, estão, aqui no Brasil, nas varian-

tes, dormindo, aguardando a pergunta hábil, que lhes dará o encanto da ressurreição. A secção erudita, agora pela amplitude da revolta em todo o Mundo, exigindo especialização tranquila, não deverá ser dominante ou tônica, para quem recolhe o ouro vivo, indispensável para a cunhagem da moeda, possivelmente definitiva, em que o folclore viverá, para a sabedoria letrada permanente.

Maria Stella de Novaes é uma destas colaboradoras preciosas e uma dedicação ardente e jubilosa em serviços da inteligência popular, de sua ciência coletiva, tantas vezes milenar e quase sempre contemporânea.

Quando, em 1295, os Polos: Marco, Antônio, Mateus, voltaram a Veneza, vestindo rudes gibões de pele de cabra, falando das maravilhas de Kubilai, Grão Cã dos Mongóis, os patrícios sorriam, entre a imagem da riqueza longínqua e o grosseiro dos trajes vilões.

Os Polos abriram as jaquetas e uma chuva de pedras rutilantes iluminou o soalho!... Da. Maria Stella de Novaes, das véstias simples do povo do Espírito Santo, restitui aos olhos brasileiros as alegrias miraculosas das joias populares.

Cidade do Natal, dezembro de 1957

Luis da Câmara Cascudo

No rico acervo folclórico do Espírito Santo, ressaltam as lendas regionais, que difundem poesia, nos recantos lindos, ou nas formações interessantes da Natureza local. Saturadas de sentimento e beleza, encontram-se, por exemplo, as da Pedra dos Ovos, de Frade e Freira, da Fonte da Capixaba, do Itabira etc.

Outras se relacionam com diversas passagens históricas: Nossa Senhora da Prainha, A Sereia de Meaípe, O Tesouro de Caçaroca etc.

Existem ainda lendas religiosas, como as de Nossa Senhora da Penha, da Pedra do Diabo, da Pedra do Oratório... As primeiras, comentadas e divulgadas, estimulam a devoção à imagem venerada, no cimo do Outeiro, onde Frei Pedro Palácios construiu a Ermida das Palmeiras, ponto inicial do famoso e querido Santuário.

Lendas do ciclo do ouro estão representadas, na Pedra da Ema e na Bacia de Ouro da Cobiça, ao passo que o martírio da escravidão deixou os seus registros, envoltos na fantasia de O Salto da Prata, Elisiário e Nossa Senhora, A Árvore Negra do Queimado etc.

Apreciando-as, deparasse-nos a confirmação de que “a lenda é a flor da admiração que o povo consagra ao sublime”. “É a expressão delicada, ou fina, da literatura popular”. Consagrado autor deu-lhe a definição: Poesia da História [1].

Disso, decorre sua importância considerável, porque registra os sonhos e a inspiração da humanidade, enquanto a História limita-se aos seus feitos guerreiros, conquista, evolução etc. A lenda, portanto, completa a História.

Recordar e, sobretudo, conservar as quarenta e sete principais lendas capixabas foi o nosso objetivo, na coordenação deste pequeno trabalho. Outras, de certo, conhecemos, no vultoso filão do folclore, no Espírito Santo. Com o tempo, serão igualmente coordenadas e publicadas.

Vamos emoldurar e completar, assim, nossos trabalhos de História; saturá-los de poesia, dessa poesia que o tempo jamais destruirá, porque resulta do seu próprio e reconhecido poder de criar “a Saudade, alma das distâncias e ressonância musical do Passado”, segundo a feliz expressão do Sr. Aires da Mata Machado Filho.

Em nossas Lendas Capixabas, veremos ressurgirem, então capítulos dos tempos antigos do Espírito Santo, envoltos deliciosamente, na fantasia da imaginação popular.

Maria Stella de Novaes

1 CAPIXABA

Uma lenda relacionada com a chegada rumorosa dos lusitanos à Capitania do Espírito Santo conta-nos que, entre as ádvenas, havia um jovem de cabelos dourados, olhos que refletiam a cor do céu, e porte airoso. Ombreava-se com a força dos guerreiros íncolas. E apaixonou-se pela princesa belíssima, destinada, segundo o código da tribo: — seria a esposa do mais valoroso combatente autóctone.

O amor, porém, se interpõe à decisão do pajé. À noite, quando Jaci inundava de luz as margens do Xapinhangas, vinha o homem louro carpir, ao rumor das águas, a saudade da pátria e dos seus ancestrais, ao passo que, a distância, através da folhagem, a princesa da selva contemplava, enlevada, sua estranha figura.

Foi-se, naturalmente, encurtando a distância entre aqueles corações talhados para um futuro superior à dureza dos moldes da época e, certa vez, a carícia de um beijo despertou o notívago do seu melancólico cismar. Sim, os lábios virgens da linda princesa desvendaram-lhe a fonte da felicidade, no misterioso ermo do mundo, que se incorporava ao Poder da Coroa Portuguesa.

O Amor triunfou da Saudade! Amor silencioso e oculto, revelado, apenas e folgadoamente, com o nascimento de uma criança de tez rosada e cabelos ondulados e louros, em contraste com os caracteres da sua tribo.

— Seria a encarnação de uma flor de ipê!

A ruminar essa interrogação, voltou-se o cacique para o conselho dos magos e, chamada a confissão, a transgressora dos preceitos superiores recebeu o veredicto cruel: — o repúdio a criança, filha do branco aventureiro. Seria sacrificada, a fim de que se afastasse da tribo, o furioso castigo de Tupã!

Confrangeu-se o coração materno! Resolveu a princesa fugir com a filhinha, cada dia, mais encantadora e bela! Vence a mata-

ria do Continente, guiada pelas cintilações dos pirilampos, até que, numa praia, encontra uma piroga abandonada pelos sequazes do pajé inclemente, que perfuraram de lanças o corpo forte do seu amado, o jovem colono!

Alucinada pela dor e pelas decisões dos seus chefes, ainda embarca. Depõe a filha num berço de folhagem, e rema...rema. . . vertiginosamente! Domina a fúria das ondas, até alcançar a Ilha figurada aos aborígenes, como envolta no mistério do isolamento.

— Por que Tupã a destacara das suas terras? Cercara-a de água?

Aporta a índia intrépida numa laje fronteira ao Penedo. Difícilmente, caminha uns metros, para cair exausta! Aconchega a filhinha ao calor do seu corpo arquejante e adormece, a vigilância de Iara, que entoava mavioso canto de aviso ao Curupira e ao Saci, para que afastassem, para longe, os maldosos anhangas e os pios do urutau, enquanto não raiasse a aurora e o Sol derramasse, na Terra, a força reconfortante do seu calor.

Aos gorjeios dos pássaros, que saudavam os esplendores da manhã, despertaram famintas, aquelas duas criaturas marcadas pelas consequências da civilização. Ignoravam, porém, que, as súplicas de Ruda, havia Tupã concedido ao seu pranto o dom de adubar a terra circunvizinha, coberta, já, de lindo verdor. Na folhagem, quase rasteira, o orvalho assemelhava-se às lágrimas vertidas, à noite, pelos seus olhos macerados, no sofrimento!

Continuou, porém, o milagre do Amor: — À medida que a princesa deserdada contemplava aquele tapete esmeraldino, repontavam hastes finas e fortes, encimadas de espigas ornadas de borlas douradas. Pareciam feitas dos cabelos sedosos e louros de sua filha. Estavam recobertas de grãos coloridos, com o tom moreno da sua própria tez!

Surgiu, assim, na terra dos goitacás, uma roga de milho, capixaba, a fim de que a primeira mameluca tivesse alimento, crescesse

ao abrigo das privações e do castigo, e pudesse contar aos seus descendentes a origem do topônimo, que se estenderia a todos os recantos da terra espírito-santense:

Terra capixaba!

2 A RAINHA DA SELVA BRASILEIRA

Em tempos remotos, quando os animais predominavam na superfície da terra, e as plantas formavam o seu revestimento, o esplendor das matas cobria-a, em extensões infinitas, e flores mimosas e multicores saturavam, de alegria e perfume, as clareiras, vicejavam em campinas, encostas, praias e brenhas. Era o preparo do mundo, para receber o homem, — obra-prima da Criação.

Resolveram as flores, então, eleger sua rainha, segundo a sutileza da fragrância, o acetinado das pétalas, o atrativo aos insetos e o simbolismo, na vida. Triunfou, no prélio, a rosa que, apenas desabrochada, irradia beleza, embalsama o ar de perfume, e recebe o orvalho... Despetala-se!... E tem a defesa dos acúleos.

Símbolo do amor?

Não resistia, porém, aos vendavais, ao granizo e demais inclemências do tempo. Era uma flor, para os jardins e a cidade, enquanto, na floresta, as árvores esbeltas, fortes, gigantescas, que dariam ao homem o córtex, a madeira, as essências e outros materiais, e conforto, para a luta e os empreendimentos da vida, estavam enlaidadas de cipós floridos, cobertas de cachos de todas as cores, de bromeliáceas e outras maravilhas silvestres; reclamavam igualmente sua eleita, que superasse a outra, em colorido, forma, resistência, perfume e simbolismo!

Já vimos que o homem não havia ainda penetrado na Selva, povoada, então, de séries misteriosos que, posteriormente, deveriam figurar nos relatos e nas credices dos índios, e servir de tema, para as estórias das avozinhas: curupira, saci, anhangá, fadas, anões etc.

Estavam as árvores, em cogitações. Concordaram, finalmente, em pedir o auxílio do colibri, na realização do pleito floral. Enamorado sincero das flores e seu visitante fiel, para beijá-las e acariciá-las, diariamente, recomendava-se perito, na escolha.

Constava o programa silvícola de uma grande festa, que reuniu os cantores da mata, seus amigos, em todas as horas, e os insetos, suas joias, seus vigilantes e comensais.

Logo, a gema plumosa, o mais gracioso e belo, entre os pássaros, foi... largou-se, intrépido, pela Natureza. Sem repouso. Esticava o bico, apurava a vista, num voar de rapidez impressionante! Admirou bromeliáceas, aráceas, passifloras, — que o encantariam, mais tarde, pelo simbolismo da Paixão de Cristo! Crucíferas? Não; lembravam o sofrimento, igualmente! As buganvilias deixaram-no extasiado, pela força do colorido; mas, não eram flores, propriamente ditas e tinham espinhos. Ipês e sapucaias, quaresmeiras, cactos, manacás e muitas outras arvores, plantas médias e rasteiras ostentavam suas inflorescências soberbas, no cromatismo. Nenhuma, porém, se distinguia, pelos dados genealógicos e predicados especiais.

Voou, voou a joia dos pássaros, — o colibri, até que perdeu a faculdade comum aos seus irmãos de andar nos ramos e no solo. Tornou-se uma ave que só se locomove com as asas. Vive deslumbrado, em torno das flores, ávido de sorver-lhes o néctar! De beijá-las e admirá-las!

E, assim, depois de percorrer clareiras, campinas, escarpas, margens de rios e lagos, de conhecer e apreciar a variedade e a opulência do reino vegetal, pousou, exausto, no recesso da folhagem de um mulemba. Ignorava-lhe a futura fama de árvore assombrada, em cuja sombra, — dizem, — reúnem-se, à noite, sacis, curupiras e outros gênios misteriosos, árvore que seria preferida, para os candomblés dos antigos escravos, os camucites e os conchavos com o espírito das trevas.

Veio a noite e cobriu-o com o seu manto de estrelas. Tudo era beleza, desde o luar, que prateava a folhagem, até o ciciar da brisa e o arrulho das aves, nos seus ninhos.

Era a vida!

— Vida!... murmurou, expansivo, o colibri.

— “Vida”! somente poderei apreciar-te, gozar-te, sentir-te se encontrar a flor dos meus sonhos!

Avança a noite. Cai o silêncio, no infinito da Natureza. Dorme o colibri. E sonha: uma fada linda, incomparável parece tocá-lo, renito livremente, com o seu condão de ouro e pedras reluzentes, enquanto lhe esparge, na fina plumagem, tênue poeira de ouro e prata.

Enlevado e ainda mais belo, vê-se o colibri guiado a uma região incógnita, alterosa, pujante, com as maravilhas das praias e o serpentear vigoroso dos rios, a placidez dos lagos e a pureza constante do firmamento.

— “Aqui, amigo, lhe diz a fada, — será um lugar de ventura e riqueza, decantado pelos escritores e poetas, fixado pelos artistas, enaltecido pelos sociólogos e historiadores.

Será o preferido de muitos povos, que buscaram a Paz e a Fortuna. Será chamado a nova Terra de Canaã, a Terra Prometida, no conjunto imenso de outra terra, que será a Terra Brasileira. Encontrarás, aqui, dentre as “filhas do ar e da luz” a magnificência do que idealizas”.

Desperto, enlevado, fieis e revigorado, em suas esperanças, alou-se o colibri, certo de encontrar a flor soberana. E, nessa faina sincera e nobre, reconheceu que, de fato, existiam “filhas do ar e da luz”, flores singulares, entre as numerosas flores. Não se prendiam à terra, nem se apoderavam da seiva nutritiva dos seus hospedeiros e protetores, como o temido mata-pau e outros parasitas. Antes, coroavam as árvores, com a beleza dos seus cachos floridos; revestiam os troncos de cores variadas; tapetizavam o solo e as rochas; ocultavam-se nas grotas, sempre fiéis, porém, a presença do ar e da luz. Alguém as chamaria de “Flores da Sombra”. Elas, entretanto, denunciavam sempre a entrada dos raios solares, no seio das matas, quando não preferiam grimpar nos ramos expostos aos beijos diretos e a carícia do vento. Jamais temiam os tufões e as centelhas atmosféricas. Tinham, assim, o valor requerido, para, no seu Clã, dominar como soberanas.

A fim de participar-lhes a ventura do encontro e organizar festiva excursão, para o reconhecimento, regressou o mensageiro ao reino dos animais alados. E foi, pelo caminho, fazendo os convites: — canário, pintassilgo, rola, cotovia, carrega, melro, lira, o pirilampo e a jiquitiranabeia, que deviam iluminar o caminho, a noite. A piéride, conhecedora do aroma das flores. A carocha. o besouro, para zumbir, no cortejo e tirar-lhe a monotonia. A cigarra, com o seu realejo, dar-lhe-ia um tom poético, de par com a orquestra dos pássaros. O fasma, vigoroso guarda contra as aranhas. A vespa e a abelha, com os seus infinitos enxames, que amedrontassem os bichos das florestas.

Puxada pelos vigorosos papagaios e o seu brilhante séquito de araras, periquitos e demais trepadores, organizou-se a marcha triunfal. Essa dianteira faria estrondosa algazarra, enquanto aos coborés, que sabem olhar de soslaio, cumpria prevenir o bando contra os gaviões, sempre traidores.

Uma revoada impressionante e bela, feliz, porque ainda livre dos impiedosos caçadores.

Assim constituída e antes que o Sol incendiasse a Terra, partiu a pomposa comitiva, no esplendor de uma aurora de verão. Compunha um quadro magnífico e deslumbrante. Buscava, entre os primos da selva que, no futuro, se chamaria espírito-santense, “as filhas do ar e da luz”.

Foi.

E, ao despertar sublime da Natureza, penetrou no íntimo da floresta virgem, tropical, onde vicejavam miltônias, oncídios, bifrenarias, enciclias, epidendros, aspásias e centenas de outras orquídeas..., que atraíam insetos e perfumavam a mata, que ornamentavam. Então o colibri, sempre impávido, no seu voo contínuo, ébrio de beleza e fragrância. alçou-se, como eletrizado, à ramagem de um jacarandá batido pelos primeiros raios solares, e quedou-se deslumbrado, perante à magnificência de um conjunto róseo-nacarado da *Cattleya Zabiata Wameri*, que recobria os ramos e o tronco da árvore. Deslumbrado, aturdido da luz e da beleza, caiu o pássaro no la-

belo acetinado e olente! E a flor, que resiste ao vento, à chuva, ao Sol, ao orvalho..., guardou-lhe, instintiva e docemente, o repouso, como recompensa da sua eleição de Rainha da Selva, porque somente uma soberana poderia dominar o vigor da flora capixaba e conchegar, no seu regato, a joia da fauna brasileira!

Esta lenda foi escrita de acordo com relatos de tiradores de orquídeas.

3 O ENFERMEIRO DAS CONTAS BRANCAS

Era assim chamado um irmão leigo franciscano, que viveu alguns anos, em Vitória, e passou, depois, a residir na Ermida das Palmeiras, onde preparou a construção do Convento; largou a pedra fundamental; adiantou-lhe a obra. Tratava-se de Frei Francisco da Madre de Deus que professara, na Ordem Franciscana, em Olinda, a 17 de setembro de 1617. Transferiu-se para o Espírito Santo, porque desejava conhecer a Penha.

Natural de Arrifama de Sousa, filho de Gaspar Fernandes e Margarida Fernandes, foi barbeiro, no Brasil, e teve tenda pública, na Bahia de Todos os Santos. Mudou-se para Pernambuco, onde ingressou na vida religiosa. Exerceu o cargo de enfermeiro, em Olinda.

O apelido — Enfermeiro das Contas Brancas — resultou do seu ofício caridoso e do habito de trazer sempre um rosário branco, nas mãos, ou à guisa de colar.

Dobram os sinos do Convento de São Francisco.

Voltam-se os pensamentos para o Monte do qual se irradiavam os ensinamentos do Pobrezinho de Assis.

Corre a notícia: Morreu o Enfermeiro das Contas Brancas! A figura piedosa, atenta sempre a lenir o sofrimento físico, para fortalecer as almas e atraí-las para Jesus.

Missionário e asceta, sua passagem, no Espírito Santo, teve uma auréola de lenda: — Conta-se que, extasiado, perante a opulência dos cenários capixabas, atônito, pela divergência entre o Vigo da Natureza, a poesia dos sítios e a miséria moral dos povoadores, exausto de pregar a virtude e combater o vício, tomava do seu rosário de contas brancas e percorria os caminhos da Vila, a passos vagarosos, dedilhando-o, enquanto murmurava as palavras sublimes da Ave-Maria.

Cala a tarde. Perseverante, no seu apostolado, o franciscano descia a encosta, prendia o rosário ao pescoço e badalava, pelos caminhos da Vila, uma campanula de metal precioso, para anunciar aos habitantes a hora do Ângelus.

A campanha bonita era o Sino de Ouro de Frei Francisco da Madre de Deus.

Certa vez, desapareceu o instrumento magnífico.

Frei Francisco não descia do Convento.

Procuraram-no.

— Eu? Para que badalar um sino de ouro, no meio de corações de ferro? Basta que a voz do campanário da matriz ecoe, nas selvas, e suba as estrelas. O sino de ouro jaz sepultado, no solo da Vila da Vitória! E será encontrado somente, quando, no Espírito Santo, todos souberem ler os livros que louvam a Deus e ensinam aos homens os preceitos da Honra, da Lealdade e da Justiça!

— Onde estará enterrado o Sino de Ouro?

Consta-se que está enterrado no alto da Escadaria Maria Ortiz.

4 A FONTE DA CAPIXABA

Uma linda cunhã, da tribo que dominava a Ilha de Duarte de Lemos, hoje Cidade da Vitória, ralava-se ao amor de um bravo guerreiro lusitano, ádvana, porém, que se desinteressava das belezas indígenas, — fossem paisagens ou mulheres. Suspirava pela sua terra natal, que ficava distante, e, saudoso, concentrava-se no que ia deixara, com o seu coração. Tencionava, talvez, acumular riqueza, no Brasil, a fim de regressar, aparelhado para a aquisição de terras e outros bens, antes mesmo de procurar o seu primeiro amor.

Ao coração da índia, entretanto, cruciava a indiferença do guerreiro branco. Ignorando a causa de tal atitude, aos seus carinhos puros e sinceros, ela chorava, chorava, até que, impressionado, um pajé, seu avô, resolveu providenciar algo, para resolver a situação. Numa concha, semelhante ao búzio encantado do Penedo, recolheu as lágrimas daquela paixão e, numa noite destinada à celebração dos mistérios de Jurema, — invocando Janaina, a cabocla sereia do mar, e o caboclo das encruzilhadas, fez brotar da terra a maravilha de uma fonte belíssima, cujos predicados eram a doçura de uma carícia e o murmúrio de um suspiro de amor, na espessura agreste da mata!

No trabalho intenso de sindicatizar recursos de defesa da Ilha, certo dia, o guerreiro sentiu-se abrasado e procurou densedentar-se, na fonte misteriosamente originada, naquele sitio, pelo amor, desfeito em lágrimas, de uma índia capixaba. Logo, seus olhos, deslumbrados, descortinaram as belezas, que o cercavam, e o jovem lusitano, subiu, subiu, cada vez mais fascinado pela magia do meio, encanto acentuado, com o murmúrio indefinível da água.

Mais uns passos e, na espessura da mata, a sua vida de uma melodia, quase imperceptível, guiava-o para o sombreado de uma fronde rósea de uma sapucaia secular. Já o guerreiro se esquecera do amor distante, em Portugal. Inebriara-se, pelos atrativos da terra capixaba. Quedou-se, por isso, estático, perante a visão fascinante

de um vulto de mulher recostado no tronco recoberto de ipomeias florida. Era a índia forte e bela, filha da selva capixaba.

Então, o guerreiro, antes, excêntrico e indiferente, sentiu o milagre do Amor!

Nunca mais, o seu pensamento se alou as plagas lusitanas...

A Fonte da Capixaba continuou, porém, a guardar sortilégio haurido, na benção do velho pajé: — “Quem bebe da sua água não mais se afasta do Espírito Santo”.

Torna-se capixaba, — de coração!

Esta lenda nos foi contada pelo Dr. Heráclito Amâncio Pereira

5 O POÇO DE ANCHIETA

Indelévels se nos apresentam os tragos deixados pelo Venerável José de Anchieta, na sua passagem, quer temporária, como simples missionário, quer durante os doze anos de residência, como Superior da Companhia de Jesus, na Terra Capixaba. Profecias, milagres e conselhos perduram ainda, no conhecimento do povo, transmitidos, de geração em geração.

À semelhança de outros lugares, visitados pelo Santo Jesuíta, existe, igualmente, no Espírito Santo, o admirado Poço de Anchieta, envolto na poesia de uma lenda:

— *Sofria a população de Iiritiba, ou Reritiba, e suas vizinhanças as consequências de forte e prolongada estiagem. Em vão, perscrutava o céu, a fim de verificar a presença de alguma nuvem ou prenúncio de chuva.*

Desapareciam gradualmente as fontes e as bicas, aumentando a angústia geral, perante a sede, que atormentava o povo e os animais! Até o rio negava-lhes refrigério, porque a fraqueza da corrente permitia, já, o acesso das marés, a grande extensão, ao passo que o sol escaldava as restingas; e as matas, ressequidas, não mais podiam favorecer o seu curso.

Voltaram-se, então, os habitantes para o seu querido pai espiritual, — o Pe. José de Anchieta. Procuraram-no. Encontraram-no, rodeado de sedentos.

— “Água!... — Dai-nos água, pai!”

— “Temos sede!”

Comovido, diante daquele sofrimento, o Apóstolo do Brasil acena a multidão, para que elevasse o pensamento, confiante, à Onipotência Divina. Ali mesmo, tão perto da praia, que percorria sempre, seguido pelos volteios graciosos das aves, Anchieta, de pé,

concentra-se, no fervor da prece, fere a terra, com o seu cajado, e faz brotar a linfa pura, que enche logo o poço, aberto milagrosamente.

Na Praia de Benevente, hoje Cidade de Anchieta, continua a ser admirado o poço lendário, querido sempre dos habitantes do lugar.

Na entrada do Porto da Vitória, depara-se ao viajante a imponência de um rochedo, fronteiro ao antigo Forte de São João. Lembra-nos o Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro. Tem a superfície pontuada de gravatás e outras plantas rupícolas.

É o Penedo.

Encerra uma coletânea de lendas, quase todas relacionadas com a era da colonização, no Espírito Santo. Representa, igualmente, defesa providencial da Cidade, conforme o evidenciou, na investida de Cavendish e noutras passagens tormentosas da História. No seu pico, estão os postes das linhas de eletricidade, para Vila Velha, ou Cidade do Espírito Santo.

Conta-nos uma lenda que o Penedo é mágico, por isso, na passagem de um navio, pela sua frente, os viajantes devem atirar-lhe moedas e outros objetos, como oferendas, porque, se o alcançarem, o rochedo o retribuirá tudo, em felicidade.

Sentinela de Vitória, o Penedo encerra, no ministério do seu interior, um palácio de fadas e príncipes encantados!...

7 A PEDRA DO DIABO

Encontra-se a Pedra do Diabo, no lugar chamado Inhangueta, na Estrada de Contorno, em Vitória. E uma dessas curiosidades observadas, em diversas rochas, no Brasil, distinguidas pela imaginação popular, que as relaciona com esta ou aquela passagem lendária.

Na Pedra do Diabo, existem sinais, relevos e incisuras, semelhantes a marcas de pés e cruzeiros. Originou-se, por isso, a lenda, igual a muitas outras, quanto ao poder de Santo Antônio sobre o príncipe das trevas. Vejamos:

— Pertencia o Sítio Inhaugueta a um avarento, convencido de que não precisava de Deus. Concentrava sua ambição, nos bens terrenos. Para que Deus? Ele, o fazendeiro, era um espírito forte! Ficassem as crendices, para as mulheres.

— Os pobres?

Que se arranjassem...

— Os escravos?

Ao mundo vieram, para trabalhar... E trabalhavam, mesmo, sem o menor conforto, sob o pavor dos castigos incríveis!

Igualmente, não satisfeito com as suas posses, o ambicioso avançava no que podia tomar dos vizinhos.

Perante essa mentalidade voltada somente para o dinheiro, mentalidade “pão-duro”, como se diz, agora, foi-se divulgando logo a notícia de um contrato com o demônio.

Sim, o povo começou a temê-lo, como parceiro de Satanás. Dizia-se mesmo que ambos escondiam o dinheiro, sob uma pedra, que somente o demônio podia remover.

Chegou, porém, o dia da provação. Uma praga, nunca vista, começou a destruir as plantações. Tudo se foi acabando!...

— Castigo! — exclamavam os prejudicados, pelo avaro. — Ele não respeita nem os domingos!...

Voltou-se o “pão-duro” para o amigo, — o seu amigo, o diabo, que lhe impôs o sacrifício do seu único filho, em recompensa extinção do flagelo. Somente assim, poderia recuperar a fortuna.

Exausto de vagar pelas terras privadas de plantações e de ver dizimados os rebanhos, alucinado, inconsciente mesmo, o avaro aceitou a proposta de entregar o rapaz ao terrível sócio, numa sexta-feira, à meia-noite, sobre a misteriosa pedra, nas proximidades da casa grande. Insensível, porém, a grandeza do coração materno, relatou o projeto a esposa, que se apegou, logo, com Santo Antônio, certa do poder desse taumaturgo sobre o inimigo das almas. Recomendou-se a salvação do filho estremecido. Ambos, mãe e filho, confiaram-se à proteção do Santo que, na juventude, livrara-se da tentação infernal, traçando uma cruz, na pedra do Convento, onde morava.

No bolso do rapaz, foi posta uma estampa de Santo Antônio.

Na ignorância ou no desprezo dessa dupla invocação piedosa, no dia marcado, o fazendeiro convidou o filho para a excursão noturna e, na hora certa, — ao cantar do galo, abandonou-o, sobre a rocha.

Fiel ao contrato, aparece o demônio, para arrastar o jovem à sua caldeira.

Mais poderoso, porém, atento à súplica do seu devoto, surge Santo Antônio. Risca uma cruz, na pedra, e impõe a retirada do diabo.

Ouve-se um estrondo, seguido de uma fumaça de enxofre. E, logo, ficaram, na laje, as marcas da Cruz, dos pés de Santo Antônio (a menor) e do demônio (a maior).

Sim, o príncipe das trevas não podia triunfar, num lugar batizado “Santo Antônio”, desde a época do seu descobrimento (13/6/1535)

8 A ÁRVORE NEGRA DO QUEIMADO

Conhecida de todos os capixabas e registrada, nas páginas da História, a Insurreição do Queimado representa, de certo, no Espírito Santo, a passagem mais dolorosa do Século XIX. Descreveram-na penas eruditas. Falta-lhe apenas a contribuição de um poeta que, no fulgor de um poema, fixasse a culminância do sofrimento daqueles infelizes, castigados pelo crime de almejamem à liberdade! Elisiério, o cabeça, jaz no esquecimento, ainda, quando sua figura constitui, sem dúvida, motivo de pesquisa histórica e sociológica.

Perpetuou-se, nas lendas, surgidas, nos comentários do povo, em torno da referida revolta, de 1849. Uma relaciona-se com a fuga misteriosa, da cadeia, em Vitória, outra, com a morte, nas brenhas serranas ou mateenses. Desta, vamos tratar:

— Conseguindo fugir da prisão, na Capital, o Caudilho Negro, — no dizer do Sr. Dr. José Paulina Alves Junior, — selva meteu-se nas matas da Serra, varou capoeiras, penetrou na capitães-do-mato.

Uma caçada humana impiedosa, selvagem!

Elisiério, porém, antepunha as privações da solidão, à morte, nas mãos dos seus algozes, estribados na Justiça. Comendo frutos agrestes ou recebendo, furtivamente, uma ração partilhada pelos seus companheiros mais afortunados, o escravo sentia o esgotamento das próprias forças e, entre horrorizado e esperançoso, a aproximação lenta e fatal da morte. Aturdido, porque avaliava o abandono do seu corpo às feras e às aves necrófagas, sem ao menos respirar, recebendo um beijo da esposa e a prece de crente! Teria apenas o repouso, no tapete úmido e ralo de musgo, sob a ramagem densa da floresta. Esperançoso de receber, afinal, o conforto da Paz, no seio de Deus! Assim, desapareceu Elisiério!

Não festejaram os brancos, — os senhores, — a glória de enfrentar o “negro fugido”. Trucidá-lo!

Jamais lhe encontraram o corpo.

Resta somente aos seus perseguidores perpetuar da sua memória, numa lenda: Contam os antigos a aparição de um vulto, semelhante a uma árvore, árvore enorme e negra, nas matas do Queimado. Parecia assinalar a sepultura de Elisiário, cavada pelos seus companheiros, errantes, na mata. Parecia cabiúna. Temiam todos que os machados e as serras a atingissem. Desaparecia, misteriosamente, quando um corajoso se lhe aproximava, sem contudo conseguir localizá-la.

O avanço das gerações posteriores à Abolição, alheias ao fantasma de Elisiário, foi devastando as matas do Espírito Santo. O Queimado entrou em decadência. Ninguém mais cogitou de averiguar a existência da árvore lendária. O certo é que, tolhido na realização do seu ideal de conseguir a liberdade, na Terra, o Caudilho Negro libertara-se, para a vastidão eterna do Além!

Encontrou, certamente, a Santa Rainha!

(Dos jornais da Biblioteca do Espírito Santo)

Dentre as muitas lendas tecidas, pela imaginação popular, sobre o Convento da Penha, destaca-se a da plangência do sino, quando, ali, na capelinha de São Francisco, reconstruída, agora, faleceu Frei Pedro Palácios, o irmão leigo franciscano que da Europa, trouxe o painel de Nossa Senhora da Penha.

Após celebrar a primeira festa da Virgem, na Ermida das Palmeiras, foi encontrado morto, ainda de joelhos e com as mãos postas, no altar do seráfico fundador da sua Ordem. Permanece, na convicção do povo, que os sinos dobraram, misteriosamente, a noite, para anunciar, a todos, desenlace.

Outras vezes, também, dizem que o sino tem dobrado, quando, por exemplo, ladrões sacrílegos assaltam o Santuário.

Quanto a morte de Frei Pedro Palácios, procuramos escrever a lenda, naturalmente, chamada “O Milagre do Sino”, reunindo estes versos a muitos dos poetas capixabas:

A MORTE DO ASCETA

Dobrava, tristemente, o novo campanário,
despertando, em surpresa, o índio, o donatário,
o jesuíta e o escravo, em noite enluarada.
— Seria um génio mau? Uma alma atormentada,
a suplicar a prece, em transe doloroso,
naquela solidão? — Seria o frei piedoso
que, a meditar feliz, sentisse a inspiração
de concitar o povo ao fervor da oração
à Senhora da Penha, a Soberana Guia

da vida espiritual, nesta Capitania?
A plangência, porém, suave, suavemente,
perdia-se, no espaço... E a turba impaciente
aguardava, em silêncio, o dealbar da aurora,
em rude inquirição. O servo não demora
a descer da montanha a Vida incipiente
e dar a triste nova a multidão, que sente
o borbulhar do pranto, ao pungir da saudade
que repontar parece, a dura realidade:
— perder seu benfeitor, após a linda festa
de uma entronização! Doce lembrança
resta ao povo contristado: — a serena alegria
santo anacoreta, e sua profecia
partir para o Além, assim que a santa imagem
da sua Protetora acolhesse a homenagem
das almas, na capela, — o mirante do incerto
navegador ao porto ideal, ali perto,
predestinado a gloria, — o Espírito Santo,
a terra que Anchieta enaltecia tanto.
E vai a multidão a subir a montanha,
sentindo na alma, em pranto, a sensação estranha
de um vácuo, e mesmo um tom singular, na folhagem,
como se o meio todo, imerso em fria aragem
da madrugada triste, á dor se associasse.
E, lá na ermida em que se deu o deslanche,
ajoelhado, ainda e as mãos postas no altar,
Frei Palácios parece, enlevado, a rezar!...

Maria Stella de Novaes

10 O TESOURO DE CAÇAROCA

Caçaroca é uma localidade, no Município de Cariacica, à margem do Rio Marinho, nos limites com o Município de Vila Velha (Espírito Santo).

Conta-se que, em tempos remotos, uma galera, batida pelo vendaval, perdera a rota e penetrara, baía adentro, nesta região que deveria, depois, denominar-se Capitania, Província e, agora, Estado do Espírito Santo. Orientara-se para a foz do Marinho, onde entrou e foi subindo... subindo, até que, num lugar chamado, posteriormente, Caçaroca, submergiu, com toda a imensa riqueza, — um tesouro, em pedrarias e metais. Avultava, certamente, o ouro, guardado, as ocultas, nos porões.

Seus marinheiros haviam enfrentado a fúria dos elementos; as flechadas e a cantoria dos selvagens, causadores, talvez, da tragédia do naufrágio.

Atraídas pela ideia de encontrar-se ainda o tesouro fabuloso, algumas pessoas, dispostas ao enterro da verdadeira fortuna, aventuraram-se a escavações, em busca de imaginária recompensa. Registrava-se, porém, mais uma história de ouro e dinheiro enterrados. E esse — o de Caçaroca, jazia, na densa lama do rio Marinho! Seria, portanto, mais difícil de ser descoberto. Contudo, abastado negociante, proprietário de um trapiche, em Vitória, resolveu desvendar o mistério. Empreendeu os necessários trabalhos, de olhos fechados ao rio de sua fortuna, a convergir para a corrente do Marinho...

E a galera continua perdida, no valioso acervo das lendas capixabas.

Pensamos: — Não haverá relação entre a galera do Marinho e a derrota dos holandeses, que, batidos em Vitória, tentaram subir o mesmo rio e foram, mais uma vez dominados pelos capixabas?

Lembra-nos o lugar chamado Muribeca, no Município de Itapemirim, um dos mais antigos redutos, ou fazendas, fundados pelos jesuítas, no Espírito Santo.

Mesmo após a retirada dos padres, distinguia-se pela igreja consagrada a Nossa Senhora das Neves, anexada a paróquia de Itapemirim, em 1771.

Sua história perpetuou-se, na lembrança dos capixabas, em consequência de uma lenda regional, relacionada com os seus fundadores. Resume-se, no seguinte:

— Como todos os lugares onde trabalharam os padres da Companhia, possuía aquele sitio uma Cruz plantada no alto de um cômoro. Dominava a planície e o horizonte. Sua origem remontava a um sacerdote chamado Almeida que partiu de Vitória e procurou os campos de Muribeca, para fundar um aldeamento de índios. Seus confrades edificaram, depois, a capela de Nossa Senhora das Neves. Tudo corria bem, até que, um dia, chegou-lhes a notícia de que, em Lisboa, tramava-se contra a Ordem, a fim de que seus membros fossem expulsos de todo o domínio lusitano.

Reuniram-se, então, os padres e decidiram ocultar tudo o que representasse valor: — ouro, prata, baixelas, alfaias, paramentos etc. Arranjaram, para isso, uma área bem fechada e cuidaram de dar-lhe um destino incógnito a estranhos. Poderiam, assim, reaver seus inestimáveis bens, quando regressassem de suas missões apostólicas. Providenciaram um carro e um carreiro, que surgiram, certa vez, inesperadamente, no terreiro enorme, entre os escravos e os índios surpresos.

À meia-noite, quando todos repousavam, os padres, entoando Salmos e Ladainhas, abandonaram a aldeia e foram abrindo caminho, para o mar. Em certo ponto, cavaram o solo e ocultaram o seu

fabuloso tesouro. Logo, porém, num tremor impressionante, abriu-se a terra e engoliu o carro, os bois, o carreiro e os viajantes!... No alto do Cômoro, ponto de convergência das fendas, surgiu uma cruz: — a Cruz de Muribeca.

Passaram-se os anos. Certa vez, um soldado, que estivera a serviço d’El-Rei, desertou... Rumou para a Capitania da Paraíba do Sul. Alcançou-a à noite, na praia, em direção à Barreira do Siri, no Itapemirim. Deteve-se então, aturdido, apavorado, no meio de uma restinga. Sentiu que lhe faltava o chão!... Parecia estar petrificado, cercado de vultos semelhantes a uma procissão de cadáveres! Cabeças negras informes, ar monótono, caras bisonhas, zumbido de insetos!

Cenáculo de espectros!...

Horror!

Num esforço alucinante, conseguiu dominar-se. Ergueu-se e moveu as pernas. Encetou a marcha e seguiu para o interior. Deu alguns passes e deteve-se novamente, assombrado, agora, diante de um facho ardente, sobre uma coluna atravessada por uma barra: — Era a Cruz de Muribeca, onde se concentrava a assombração...

Lia-se, na travessa:

Assim mesmo, qual sou, abandonada,

Eu vi aquele que me deu a terra;

Olhou, em derredor as gentes todas,

E fez, num torvelinho, o pé dos montes

Condensar-se no céu, era noite escura.

O desertor leu a estrofe e seguiu o seu caminho. Adiante, sentiu tudo estacionar-se: — o céu, o mar, o vento... Silêncio...

Escuridão! Lamentos inarticulados, ao longe...

Parou. Procurou refletir; sentiu, porém, a seguinte súplica:

Orai por nós, que somos pecadores,

Por tudo, neste mundo, cobiçar!
Orai, para o perdão de nossas culpas,
Ali, está um tesouro, — ide-o buscar.

Conta-se que, até aquele dia, quem passasse, por ali, seguia ou voltava, assombrado.

Aquelas almas faziam penitência. Salvaram-se, porque, durante trinta anos, foram celebradas missas, em sua intenção, para que seus pecados fossem perdoados.

Esta lenda se encontra no colégio de Gomes Neto e, em parte, nos jornais da Biblioteca Pública do Espírito Santo.

Frade e Freira é o conjunto de dois rochedos, que se defrontam, num mesmo alcantil, como se fossem esculturas planejadas, para a representação das figuras de um monge e uma devota; esta envolta num manto, em atitude contrita.

Maravilhosa disposição da Natureza!... Encontra-se na estrada de rodagem Vitória-Rio de Janeiro, nos limites dos municípios de Rio Novo e Cachoeiro de Itapemirim, ponto de deslumbrante paisagem.

Sempre imaginoso, o povo batizou aquela beleza natural: Frade e Freira, e celebrizou o granito, numa das lendas mais atraentes e expressivas da Terra Capixaba. Lenda de amor cruciante e silencioso de uma silvícola. Lenda que, na verdade, é esta, agora descrita. Gira em torno de uma indiazinha e um missionário, com a maior pureza de sentimentos. Mesmo porque, somente no Século XX chegaram religiosas ao Espírito Santo, as irmãs de Caridade, em Vitória. E os frades, no Século XVI, — franciscanos que se instalaram igualmente, na Capital.

Uma lenda não pode incidir num anacronismo. Nem discrepar da História.

Vejamos:

Encontraram-se dois seres humanos, quando as matas cobriam ainda, com toda a exuberância, o sol da Capitania. Ele, aqui aportado, no vigor da juventude, para voltar-se, fervoroso, à catequese dos silvícolas, certa vez, na beleza e inocência de uma goitacá, descobriu o sentido da vida, que se irradiava de um olhar apaixonado.

Algo de estranho os conduz a descerem às praias de Benevente. Andaram, até as brenhas do futuro Rio Novo.

Subiram....

Ele descrevia e exaltava as verdades evangélicas e a grandeza do amor divino. Ela, coberta com um manto, parecia as figuras da Virgem, veneradas na igreja.

Apaixonada, crente na força de Tupã, a índia arrasta-o, naturalmente, à contemplação do oceano, do Belo, descortinado além, do alto do monte. Incapaz de compreendê-lo, chora... Deseja que ali permaneçam, longe, hem longe das criaturas.

Quer a plenitude do amor!

Ajoelha-se!

Então, forte, curvado perante o dever, o missionário procura abençoá-la e erguê-la, para retomarem o caminho da aldeia. Sentem, porém, um fragor, na montanha.

Ela exclama: — Tupã!

Ele invoca: — Meu Deus!

E ali permaneceram soterrados. No decorrer do tempo, à medida que se erguiam, misteriosas, no cimo do monte, as esculturas de granito foram morrendo as árvores, que deixaram descobertos dois bustos simbólicos naturais, decantados, posteriormente, pelos vates capixabas, fixados pelos artistas e admirados pelos que transitam, na estrada de Cachoeiro de Itapemirirn ao Rio Novo.

E um quadro grandioso, quando o Sol doira a figura do Frade, e, na fúria das tempestades, à frente do rochedo, surge iluminada pelos clarões do relâmpago.

A chuva parece aumentar a tristeza da Freira!

13 ELISIÁRIO E NOSSA SENHORA DA PENHA

Registramos, noutras páginas, lendas inspiradas na escravidão, capítulo doloroso da História do Espírito Santo, assina como do Brasil inteiro.

Mais uma relatamos, aqui, nesta evocação da revolta dos negros, no Queimado:

— Feito o julgamento, em Vitória, cinco escravos foram condenados à morte; vinte e cinco, a açoites, que variavam de trezentos a mil; e seis, absolvidos. Os demais haviam desaparecido.

Cumprida a sentença dos açoites, faltava a dos condenados à forca, presos, de pés e mãos, a ferro, na cadeia de Vitória. Aconteceu, porém, que, a 7 de dezembro de 1849, o carcereiro Joaquim José dos Prazeres comunicava ao Juiz de Direito e Chefe de Polícia que, às três horas e um quarto da madrugada, haviam desaparecido da enxovia, do lado Sul, cinco presos, dois condenados às galés perpétuas, e três, à pena de morte.

— Milagre! foi a exclamação geral!

E conta-se que, ao sentir aproximar-se a hora do seu sacrifício, Elisiário, o chefe da Insurreição do Queimado, voltou-se, fervoroso, para Nossa Senhora da Penha. Rezou...com toda a confiança no poder da Virgem, perante o trono do Altíssimo. Sim, a Virgem Poderosa, jamais lhe faltaria, naquela hora de angústia!

Enlevado, murmurando ainda a súplica filial, adormece. Antes da aurora, porém, quando a Cidade toda jazia ainda imersa na plenitude da noite, um clarão misterioso irradia-se, no cárcere imundo, e desperta os cativos. Atônitos, em cálculo talvez da hora fatal, entretanto, ao seu lado, uma figura de meiguice infinita que lhes acaricia as frentes doloridas, desata as correntes e aponta a porta entreaberta.

Interposta, aos seus devotos, martirizados à “Justiça” dos homens, e o carcereiro Prazeres, sem receber a graça de vê-la, a Celestial Protetora dos Aflitos garantiu a evasão dos cativos.

Pela manhã, quando circulou a notícia comentada, em todos os bancos de farmácias e transmitida, de sacada em sacada, pelas comadres e vizinhas exclamaram todos os que se condoíam da sorte cruel daqueles negros infelizes:

— Foi Nossa Senhora da Penha!

Esta lenda é corrente, em Vitória.

Maraçapeba é um peixe muito conhecido, em Vitória. Chama-se, igualmente, linguado. Parece uma grande folha e tem a boca torta.

Segundo a sabedoria popular, o “defeito” resultou de um castigo à insolência do peixe, porque “arremedou” Nossa Senhora, quando estava no mundo e precisava atravessar um canal pedregoso, durante a maré baixa.

O peixe estava apanhando Sol, reclinado numa pedra, à flor-d’água. A Virgem perguntou-lhe:

— Maraçapeba, a maré sobe, ou desce?

O linguado, assim chamado pela forma apresentada, respondeu-lhe, desdenhoso, repetindo a pergunta, como se criticasse da virgem.

Desde então ficou de boca torta.

Há variantes dessa lenda.

O Desembargador Afonso Cláudio diz que “quando Jesus Cristo andou pelo mundo, certa vez, no mar, em companhia de São Pedro, desejou saber que horas seriam, porque a maré parecia não encher nem vazar.

São Pedro, vendo-o assim, tão preocupado, lhe disse: — Senhor, qualquer peixe lhe dirá que horas serão, porque todos eles têm as horas de suas refeições marcadas.

Jesus ouvindo-o, passou os olhos pelo mar, e vendo um linguado ou maraçapeba à superfície, indagou:

— Maraçapeba, a maré enche ou vaza?

O peixe por inqualificável desdém, procurou imitar a voz do Salvador, e fazendo um trejeito, como quem torce o queixo para

um lado, reproduziu a pergunta, sem lhe dar resposta. Então, Jesus, assim falou:

— De hoje em diante, como pena à zombaria e afronta que fizeste ao teu Criador, te arrastarás, na lama, como uma folha que o vento arrasta ao lodo, para granjear o teu sustento, e a tua boca será torta, a fim de que todos os teus irmãos te evitem e contigo jamais se confundam.

Conta-se que, em tempos remotos, à meia-noite, os pescadores da Praia de Inhoá ouviam prantos e lamentações, que pareciam vir de um oratório encantado, existente no meio do Morro do Alecrim.

Certa vez, em conversa à beira do fogo, uso daquele tempo, surgiu a explicação, quando certo romeiro foi à Penha e, depois, ao Forte de Piratininga, pedir ao Comandante que lhe desse pousada e, permissão de aguardar o navio, para Campos ou Cabo Frio. A noite, relatou episódios da viagem, perante a referida autoridade, o Mestre de Campo, José de Alcobaça, e outros.

Conversa vai, conversa vem, e José de Alcobaça deu sua nota: — Ouvira que, em certa parte do Morro do Alecrim, havia um poço onde foram atirados os ladrões de alfaias da capela do Pe. Gouvêa, o oratório ali existente. O sacrilégio assinalou o declínio das ordens religiosas, na Capitania. O próprio sacerdote ali jazia detido, sob uma pedra, e precisava fazer revelações.

Afirmava o orador verdade nessa história. Fora mesmo testemunha de certa visão: — um vulto de batina vagava algumas noites, pela região; sumia-se, à presença de alguém. Viam-no as mulheres, sobre as águas, quando iam à fonte. Padres dançavam, por cima dos cardais. E, nas pontas das pedras, encontravam-se cabeças e pés de criaturas que, repentinamente, se convertiam em gansos.

Apareciam, ainda, criaturas informes, cobertas de escamas!... Espumavam. Fervia a água, então, e os monstros debatiam-se, até que desapareciam. Piratas infestavam as praias e salteadores, o sertão. Arrancaram até as entranhas de um íncola, porque se recusara a indicar a jazida de ouro, no Marinho.¹

¹ Relação com a lenda O Tesouro de Caçaroca. Esta lenda encontra-se no colégio de Peçanha Póvoa e nos jornais da Biblioteca Pública do Espírito Santo.

Contava ainda que, à meia-noite, no Morro do Alecrim, subiam fantasmas, armados de punhais ensanguentados. Entoavam hinos de morte aos vivos, que eles esperavam, no Além.

À tarde, rugidos subterrâneos, semelhantes aos de um gigante, abalavam o Morro.

Dizem que, em confirmação dessa lenda, foram encontrados, numa das Salas do velho Convento dos Jesuítas, um esqueleto e um pergaminho, com estes versos:

— Tu que passas, na esplendente
abóbada do Morro ardente,
sombra pálida, tremente,
como os raios do luar,
de onde vens? Qual é o teu fito?
És tu arcanjo proscrito?
Por que passas, no granito?
Voa ao Céu, ou voa ao mar?
Por que sempre, a noite, velas?
Quando o espaço é todo estrelas,
tu surges, entre elas?
Nos ermos e serpe só?
Por que corres tais paragens
e usas dessas roupagens,
fugindo ao ar e às aragens,
rojando-te, assim, no pó?

Resposta do fantasma:

Sou a inveja; curto fome!

A mim se prende um mistério.

Réprobo sou; vivo triste, aéreo,
qual ave agoureira, em cemitério.

Ando, assim, na penitência,

porque fui denunciado,

Recebi as alfaias da igreja.

Repare, — sou um excomungado!

Atualmente, Morro do Alecrim está desbravado; acabaram-se as matas e os cardais. E um arrabalde promissor de Vila Velha, na margem da rodovia, para os municípios do Sul e o Rio de Janeiro.

1

Chama-se Cobiça um lugar, no Município do Cachoeiro do Itapemirim, na margem da Estrada de Ferro Leopoldina, entre a Fazenda Cachoeira Alegre e o Sítio Volpato. Tem uma “Parada”. Lugar bonito, cercado de montanhas, coberto de matas primitivas, quando o conhecemos. Formado pelas serras do Maquiné e da Cachoeira Alegre, existia um fosso, desfiladeiro profundo, misterioso, então, porque inteiramente oculto, na espessura da floresta! Devia ser um refúgio de serpentes e outros animais temíveis.

Diziam os sitiantes que era uma Bacia de Ouro!

Contava-nos uma didi que, à noite, fadas e anões, vindos pelas cristas das montanhas, reuniam-se, ali, para regalados festins. Desciam ao subterrâneo, palácio maravilhoso!, em escadas de lianas floridas. Dançavam. Valsavam, no salão dourado, iluminado com a profusão de pedras raras, incrustadas nas paredes, e que refletiam raios especiais, que a Lua enviava, através da abertura do fosso. Completavam a iluminação o reluzir de miríades de vagalumes, e lanternas de jiquitiranaboia.

Dispunham de orquestra própria, superior às bandas de música dos homens.

Há muitos anos, não vamos à Cobiça, nem mesmo, por ali, passamos, de trem.

— Existirá ainda a Bacia de Ouro, coberta de mata virgem, ou terá desaparecido, destruída pela dendroclastia, que vem liquidando a beleza e a poesia dos sítios capixabas?!...

Conta-se que, em tempos que se foram, nos limites da Mitologia com a História, uma princesa indígena, belíssima, filha de valoroso soberano, e um jovem de tribo guerreira contrária, apaixonaram-se irredutivelmente. Aumentou, por isso, a rivalidade, entre os silvícolas e, de modo notório, atçou feroz oposição dos caciques. Jamais o primeiro daria consentimento ao enlace de sua querida filha, com um inimigo do seu povo, embora fossem valiosos os presentes do noivo e, conforme os oráculos, sinceras suas afirmações de amor. Estabeleceu-se, em consequência, intransponível divisa, entre as terras ocupadas pelas duas tribos, terras dos atuais municípios de Cariacica e da Serra.

Acontece, porém, que não há trincheiras, para o amor. Conseguiram os apaixonados o concurso de uma ave misteriosa que, em horas determinadas, os conduzia a dois cômodos fronteiros, dos quais se podiam avistar. Então, a índia cantava e a delícia da sua voz chegava ao eleito do seu coração. O íncola retribuía aquela saudação afetuosa, com a improvisação de um estribilho.

Continuaram, assim, naquele idílio incomparável, até que chegou ao conhecimento do cacique a fuga romântica de sua filha. Foi o bastante, para que reunisse os oráculos e conseguisse, de um feiticeiro, a intervenção de uma fada, que transformou os apaixonados, em pedra, nos referidos cômodos. Estes se elevaram e constituíram dois montes lendários e belos, importantes, no Litoral capixaba: — o Muxoara, a princesa, em Cariacica, e o Mestre Álvaro, o príncipe, na Serra.

Compadecida, porém, de um destino tão cruel, a fada concedeu aos enamorados uma tregua, na rigidez de suas posições. Anualmente, na passagem de São João, recuperam, de modo invisível, a forma humana primitiva; juram fidelidade e presenteiam-se, com valiosas joias e outros mimos.

Além disso, transformada em bola de fogo, a ave amiga é a mensageira, entre aqueles noivos eternos. Transporta-lhes as juras de amor e os presentes, que atestam sinceridade infinita.

E o motivo por que, — afirmam os entendidos, — à noite de São João, uma bola de fogo passa, no céu, e vai do Muxoara a Serra, e vice-versa. E a viagem, do fogo, a descrever, no espaço, a eternidade do Amor!

Nota: Em Cariacica, o Sr. Omir Leal Bezerra insere *A Viagem do Fogo*, pelo Natal, sob a forma de uma fada, que vai do Muxoara para o Mestre Álvaro, para regressar, na passagem do Natal seguinte.

Recolhemos esta lenda, em nossa infância, quando, na Fazenda Monte-Líbano, em Cachoeiro de Itapemirim, íamos, tarde, passear, no Caminho da Roça, estrada de acesso a colônia italiana, encarregada de cultivar os cafezais, após a Abolição.

Era maravilhoso o panorama que se nos deparava: — desfiladeiros escuros, tomados ainda pela mata virgem, entre montanhas em cujas escarpas se ostentavam os alinhados cafezais promissores de farta colheita. — “No fundo, — dizia-nos a senhora acompanhante, — estão os sacis, que, à noite, vêm guardar as estradas” (o “fundo” eram os desfiladeiros).

Entre essa verdura de serranias, destacava-se um cabeço inacessível, em virtude das lajes que o revestiam. Era o “Morro do Gigante”, conforme nossa guardiã. Morava ali, enclausurado, um poderoso gigante, personagem fabulosa, que destruiria todo o trabalho humano, caso a terra tremesse, porque as lajes, desprendidas, o libertariam. Deus o havia segregado, providencialmente, para que o homem pudesse viver e prosperar, naquela região bela e fértil. o gigante, porém, respondia, só duas vezes, ao que lhe gritavam. Então, as crianças “faziam canudo”, com as mãos, e experimentavam:

— Oh!...

O eco repetia: — Oh!... Oh!...

— Vamos!...

— Vamos! Vamos! — O gigante continua enclausurado, nas lajes das escarpas, no Monte Líbano.

Representa, decerto, esta lenda o avanço da civilização, através da História. Os seres fantásticos, na imaginação popular, vão-se afastando, à medida que o homem desbrava a terra, para cultivá-la, estabelecer sua residência abrir novos rumos à vida.

Encerrava algo de misterioso aquele sítio distante, junto ao Itabira, em Cachoeiro do Itapemirim, porque invariavelmente, as dezenove horas, um fogo, — dizia-se, andava. pequeno trecho e estacionava em determinado ponto. Tratava-se de uma penha imensa, que se perdia no abismo, sombra de vistosa e delicada fronde, que parecia mirtácea anosa, testemunha, em silêncio, deste romance, ou mistério de tragédia.

Em consequência do acesso, o lugar era solitário. Para chegar ao Itabira, teria o viajor de percorrer a Serra do Maquiné e subir o Monte Olivete, em mulas ou burros adestrados. Mas, situado fronteiro à Cidade, a emoldurar a curva do Itapemirim, permitia a algum morador apreciar o movimento urbano.

Decorria o tempo.

A lanterna enigmática percorria sempre o mesmo itinerário. Notavam apenas os que a seguiam, de longe, a lentidão graduada, na marcha cotidiana. Às vezes, parava. Atingia, porém, sempre, o mesmo lugar.

— Era a alma do Itabira, — diziam as mucamas supersticiosas.

— Qual, Sinhá, — explicava o Jacob, velho entendido, — é algum espírito que está penando. Virou boitatá.

— Não é saci-pererê, — considerou, certa vez, a Catarina, vendedora de mandioca-puba. Saci anda pulando, num pé só, e Vive debaixo da gameleira, na várzea; não gosta de morro ‘pelado e pontas de pedra, onde caem raios. Sô Jacó tem razão, é alma penada ou jiquitiranaboia enfeitiçada. Cruz, Credo! (Benzeu-se).

Correu a notícia de que se extinguiu o fogo assombrado.

Uma zeladora de Irmandade, ao regressar da Novena de Santo Antônio, afirmara à vizinha que vira o facho apagar-se, antes de chegar ao ponto de origem. Foi o bastante, para que fervilhassem

comentários e se reavivasse a lenda sobre a alma penada. Mas, arrendendo em curiosidade, alguém resolveu excursionar pela Serra do Maquiné, e atingir o sítio misterioso. Partiu, na madrugada seguinte, e rompeu escarpas abruptas, ladeiras e até que se viu obrigado a renunciar a sela e prosseguir a pé, na ascensão perigosa.

Tudo era solidão, naquela parte belíssima da Terra Capixaba. Ouviam-se apenas o gorjear dos pássaros e os estalos dos ramos, quebrados pelos animais, na retirada célere.

— Que iria encontrar? Feitiço? Caveiras? Talvez algum tesouro acumulado. E, assim, pensamentos tétricos surgiam-lhe à mente, trabalhada, agora, pela imponência do meio lendário.

Subiu, subiu... até que laranjeiras enxertadas e cacauzeiros alinhados denunciavam o trabalho e o zelo de algum habitante, naquele ermo cercado de blocos de granito. Mais uma rampa... e o Itabira se lhe apresentou colossal, a dominar a magnificência do conjunto de rochas. Parou. Sentou-se numa pedra. Retirou a palha e o fumo. Torceu um cigarro e saboreou-lhe a essência, enquanto contemplava as espirais, que atirava para o alto.

Restauradas as forças e acalmada a imaginação, examinou a espingarda, para certificar-se do seu funcionamento. Sim. Tudo ia bem e não havia motivos de receio. Mais uma rampa, e divisou um plano extenso, até o gigante, — o Itabira. Lá, estava um rancho coberto de caixilhos, ou tabuinhas. Uma passiflora crescida, parede-acima, prendia-se, ao enroscar das gavinhas, nos interstícios do telhado, e dava a rústica vivenda aspecto de caramanchel natural. Roseiras entrelaçadas, craveiros, margaridas, açucenas, flocos e outras plantas floridas transformavam o recanto, em belíssimo jardim, ao passo que as cercanias ostentavam craveiros-da-índia e árvores frutíferas. A porta estava fechada.

Em ligeira pesquisa, o visitante encontrou, detrás do casebre, um espaço ocupado pelos cortiços: — “Abelhas e flores”.

Pequena horta bem tratada e, numa rocha isolada, um pombal, completavam aquela miniatura do Paraíso. Mas... o proprietário? Onde

estaria?, — cismou o intruso. Lembrou-se então da trajetória seguida pelo fogo do Itabira e resolveu procurar esse caminho. Acompanhou algumas pegadas, na grama alternada de pedregulhos, até aproximar-se da árvore recurvada sobre o abismo. Parou. Sentiu arrepios... Pareciam-lhe rígidas as pernas. Deu mais alguns passos. Mas, para aumentar-lhe a justificada ansiedade, pelo fim da aventura, percebeu o ganir doloroso de um cão. Isso lhe compensava, entretanto, o terror da solidão; animava-o a prosseguir, na aventura. Aproximou-se da árvore e divisou o animal, em guarda, junto a um velho desfalecido. Na ânsia instintiva da dedicação, apoiava as patas dianteiras, no braço esquerdo, e varejava-lhe a frente, como se procurasse transmitir-lhe um hálito conservador da vida! Ao pressentir a presença de alguém, ergueu a cabeça e olhou o desconhecido, como se lhe inquirisse as intenções. Levantou uma pata. (Sinal para a espingarda?) Foi deposta a arma, na grama. E, mais uma vez, manifestou-se o instinto, naquele amigo leal: veio mansamente ao estranho; segurou-lhe a calça; puxou-o, até junto ao seu dono, que ainda respirava.

— “Vivo, — disse o outro. Graças a Deus!”

Tomou-lhe o pulso. Procurou água. Junto as colmeias, encontrou uma grota. Numa folha de arácea, trouxe o líquido, que derramou na frente ardente do ancião, olhos, amortecidos pela fraqueza, descerraram-se lentamente.

— “Vamos, amigo, aqui estou, para tratá-lo”.

— “A... mi... go?” — balbuciou o asceta, enquanto indicava uma chave presa ao cinto. Terminou: — “Sultão!”

Logo, o animal estendeu o focinho, segurou a chave e dirigiu-se a porta do rancho, onde a depôs.

— “Tudo enigma!” meditou o investigador. Partiu uma laranja. Destilado nos lábios entreabertos do solitário, o caldo reanimou-o e deu-lhe forças para indicar, no lado do cinto, uma bolsa de prata, modelo “Coração”, com a gravura de um monograma indecifrável e, no verso, o nome Lenie.

— “Abre-o, amigo!”

Um retrato de mulher, delicadíssima pintura, num disco de madrepérola, revelava o talento artístico do seu autor. Dir-se-ia perfeita gravura. Completava a relíquia uma tira de papel, com uma frase, em tinta vermelha, apagada pelo tempo.

— “Amigo”, prosseguiu o velho, mais confortado pela ingestão do alimento. (Arrastou-se para o tronco da mirtácea, onde se recostou). Recebe a história de uma vida antes que o anjo da morte me liberte para a mansão perene ventura”. (Indicou um canudo de taquaruçu, preso a pitangueira).

O outro retirou do escrínio umas folhas de papel escritas com tinta de urucu. Leu: — “Era jovem. Gozava a inutilidade de uma existência fútil. Pintava as paisagens cerúleas dos lagos da Itália e das montanhas nevadas e belas da França. Procurava debalde modelos para fixar a expressão da figura humana, segundo o meu ideal. Falta-lhes uma revelação da Alma, no semblante, seu espelho imaculado. Mas, certa manhã, quando o sol, fraco ainda, reanimava uma encosta dos Alpes, divisei, ao longe um vulto de mulher, a perturbar, com o seu movimento, o esboço de um quadro. Parecia aflita. Imaginei que se teria tresmalhado alguma ovelha do seu rebanho. Fui-lhe ao encontro, e cooperei na captura da fugitiva.

— “Não o esperava, neste desterro — disse-me polidamente. — Como poderia manifestar lhe minha gratidão?”

— “Só uma coisa desejo, — respondi-lhe. — Entre estas montanhas geladas, ensine-me a descobrir a Vida...”

“Enleada, naturalmente confusa, ante o pedido original, absurdo talvez, a pastorinha meditou... sorriu ingenuamente, retirou do seio este relicário e, numa expressão de candura indefinível, abriu-o, deixou-o cair em minhas mãos, ao passo que, enlevado e estático, eu desdobrava o contido e lia: Vive pelo coração, o turíbulo do Amor, fogo divino deslumbrante, que nos ilumina o caminho da Vida...”

“Descemos a montanha. Casamo-nos.

“Vendemos algumas telas e encetamos viagem ao Brasil, porque desejávamos animar os meus quadros, com a luz intensa dos trópicos e o colorido cinéreo das montanhas, ao crepúsculo, ou esmeraldino, ao raiar do dia. Na viagem, ao contemplar Lenie, travei-lhe automaticamente o perfil. Ainda a bordo, procurei revelar, na irisação do nácar, a expressão deliciosamente sincera do meu único ídolo. No Rio de Janeiro, pintei os recantos da Guanabara, cheios de poesia, e os encantados sítios da Tijuca. Numa vitrina qualquer, atraíu-nos um postal — Itabuna — “Lindo, disse-me Lenie, — aponta-nos o Infinito!”

“Viemos para a Terra Capixaba. Quando a imponência do pico se refletia nas águas mansas do Itapemirim, eu pintava o crepúsculo. E fixava as cores da aurora, quando ele se despia das brumas e surgia, radioso, a penetrar no azul imenso do espaço...

“Atraídos pelo conjunto destas belezas naturais, andamos, subimos e armamos nossa tenda, resolvidos a viver, aqui, o nosso idílio perene”. (o amigo interrompeu a leitura, enxugou a fronte do ancião e deu-lhe mais um gole de caldo de laranja. No fundo róseo da tarde, o aceno longínquo das palmeiras indicava a despedida do tempo.) “Lenie sentava-se à sombra desta pitangueira, enquanto eu pintava o cenário da Cidade. Gostava de sentir o contato das florinhas, que se despetalavam e cobriam-na de um manto perfumoso e tênue. Certa manhã, porém, na colheita de frutos, perdeu o equilíbrio e rolou, no abismo!... Louco de dor, bati picadas, desbravei caminhos, errei em volta, gritei, clamei, até que, exausto, aturdido, cheguei à borda de um fosso profundo. Assaltou-me a atração do abismo. Levei a mão à jaqueta, para desvencilhar-me desse obstáculo... Toquei na bolsinha... Senti um frêmito indecifrável, ao contato com o escrínio do nosso amor. Seria verdade? Delírio? — Sentei-me no tapete de folhas mortas, pisadas, como todas as fibras do meu ser!... Procurei reerguer-me. Faltaram -me forças. Pela manhã, despertei, ao sentir o amparo de alguém. Era um preto lenhador, compadecido, que me julgava talvez um réprobo, foragido da

Justiça. Ante minha aflição de prosseguir nas pesquisas, disse-me, como supremo conforto — “Reze, patrão, Deus a terá na Glória” Abri desmesuradamente os olhos... Realidade? Revelação? Desvario? Voltei a cabeça, num esfrego irrefletido, derradeiro, e distingi apenas o extremo do pico fabuloso. Parecia animar-se, romper o azul do firmamento. Lindo! — murmurei. Mostra-nos o Infinito!

Passou, desde então, o lenhador a constituir minha única ligação com o mundo. Nunca lhe perguntei o nome. De tempos em tempos, aparecia e trazia-me o indispensável ao sustento, em troca de verduras e frutos do meu sítio. Cumpria ordens expressas de não revelar minha existência, nem trazer visitas ao meu desterro.

(As trevas envolviam a cidade. Brilhavam as primeiras luzes e o murmúrio dolente do rio acentuava-se na quietude da Natureza).

O intruso dobrou o papel, enquanto o solitário voltou o olhar para o rancho oculto na escuridão das pedras e disse-lhe: “Eis o mistério, amigo. Jamais poderia desprender-me deste retiro mágico. À tarde, quando se perdiam nestas brenhas as vibrações plangentes do Ângelus, eu me dirigia à tumba imaginária de Lenie. Permanecia com a relíquia na mão, imerso na oração da saudade! Pela manhã, na festa da aurora, recolhia flores que, ali, atirava, como se ofertasse ao meu ídolo, a carícia do meu afeto! — Abandonei o pincel e quebrei a palheta, não descri, porém, da beleza da Vida. Ela tem harmonias e viravoltas!...Cumpre-nos admirá-las, como um painel onde a providência traçou a vereda, que devemos trilhar, iluminada pelo fogo do Amor. Quanto a mim, no silêncio austero desta montanha, a suavidade singular e única de uma Lenda de Amor.

O tempo que passa, na sua faina de destruidora, arrasou o sítio e apagou a lembrança do Fogo do Itabira. Hoje, somente alguns antigos se recordem talvez desta lenda, romanceada, que recolhemos, em nossa infância, nos relatos de um Pai-Velho e uma Didi carinhosa. A majestade da pedra, entretanto, continua a penetrar no azul do espaço, inspiração de artistas, irradiação de beleza!... A despertar nas almas a ideia sublime do Infinito.

Segundo a lenda, — uma dessas que enchem de poesia os recantos do Espírito Santo, existe um sino de ouro, enterrado pelo escravo de certo fazendeiro, quando se iniciou o povoamento do Sul da Capitania. Está guardado pelos bons espíritos que, à meia-noite, se reúnem, à sombra de uma sapucaieira, em cuja base repousa uma pedra encantada. E o sinal indicado para a descoberta da preciosidade, perdida no decorrer do tempo. Conta-se mesmo que diversas escavações já foram empreendidas pelos crentes na fantástica história. Nenhum resultado positivo, entretanto, se registrou, até agora. Persiste, por isso, a lenda cujo valor é o orgulho que o povo do lugar concentra, na posse de tão original tesouro: — a Pedra da Ema, em Burarama, no Município de Cachoeiro do Itapemirim.

A Pedra da Ema é assim chamada porque, na sua crosta, existe uma parte, ou mancha, esbranquiçada que, em determinadas épocas do ano, parece retratar uma ave pernalta. Destaca-se, de junho a setembro, do meio-dia, — quando começa a transformação, em ave de bico erguido, patas e asas dispostas, para o voo, até as quinze horas, quando atinge o máximo de sua beleza e principia a esmaecer-se.

— Dizem que um fazendeiro participou das entradas para as minas de ouro, do Castelo, onde explorou o metal empregado na feitura do sino. Perseguido pelos índios furiosos, diante das atrocidades ali cometidas, desceu, acompanhado de um escravo esperto que, vendo-o cair, atravessado por uma flecha certa, que veio de ponto incógnito, logo o enterrou, com o Valioso objeto. Seria desenterrado o sino, para o repique, nas festas da Liberdade, esperada sempre, com veemência, pelos infelizes, subjugados a impiedade dos patrões.

Sepultado, antes mesmo de exalar o último suspiro, o fazendeiro reapareceu na forma de uma ave, porque sua alma, presa ainda a ambíguo do ouro, anseia alar-se para o Infinito.

Enviado, eleito de Tupã, Sumé aparecia, nas praias do sul do Espírito Santo, a fim de conciliar as tribos, em lutas contínuas, e ensinar-lhes a agricultura, de modo que substituíssem as guerras pelo trabalho e, assim, tivessem fartura e felicidade.

Surgiu, de modo original, no horizonte, como se acompanhasse o levante do Sol, aproximou-se, lentamente, da praia, caminhando sobre o mar, quando, certa vez, os goitacás comemoravam uma derrota dos seus inimigos. Era impressionante a figura de Sumé: — fisionomia doce; barba sedosa, que lhe cobria o tronco e alongava-se aos pés, chegava, mesmo, a tocar nas ondas; olhos ternamente azuis. Espectro da suavidade!

Numa revelação do seu poder, com um simples aceno, acalmava os elementos, em fúria, ao passo que se abria a espessura da mata, para a sua passagem fácil, incólume. Feras medonhas vinham deitar-se, mansamente a seus pés.

Admirados, perante a singular figura de Sumé, todo poder e bondade, os índios acalmaram-se; tomaram-no como conselheiro, depois de científicá-lo dos feitos gloriosos da tribo.

Sumé louvou tanta bravura daquele povo simples e puro; penalizado, procurou ensinar-lhe meios de uma vida mais saudável e abastada. Mobilizou os homens válidos, a fim de que fizessem provisões de caça, pesca e outros alimentos, para os velhos, as mulheres e as crianças. Deveriam, depois, acompanhá-lo. Iam desbravar, cavar a terra, e obrigá-la, assim, a dar-lhes o sustento diário.

Ouviram-no os silvícolas — “Grande Mãe é a terra! Mãe generosa. Basta-lhe amor, carícia e afago, para que se abra, logo, prodigiosamente em toda a sorte de bens e venturas!”

Objetou-lhe, porém, o astucioso pajé: — “Como, pois, grande Santo, ela nos tem dado somente espinhos e répteis?”

Respondeu-lhe Sumé: — “Porque não a tendes amado, ferrosamente, e trabalhado com perseverança. Deveis regá-la, com o suor de vossas fronteiras. Cavai-a. Ela rasgar-se-á, para dar-vos a renovação da vida.”

Seguiram-no. Cumpriram suas instruções. Atiraram sementes ao solo trabalhado. E, assim, foram carminando e trabalhando, até os limites das terras dominadas pelas outras nações. Ordenou-lhes, então, o instrutor que retrocedesse.

— Oh, deslumbramento!

Frutas, cereais, flores!

Sumé ensinou-lhes a devida utilização de tudo. Arrancariam, por exemplo, a mandioca, para a farinha.

A inveja, porém, não se fez esperar. Ressentidos, perante o prestígio daquele benfeitor, alguns pajés tramaram a revolta dos ingratos. Por isso, numa tarde, quando a assistência dos que se conservaram puros e dóceis rodeava o mensageiro e ouviam-lhe os ensinamentos, uma flecha, atirada de longe, atingiu-lhe o peito!

Impassível, Sumé arrancou-a e foi-se retirando, lentamente, para o mar, olhando, porém, calmo e sorridente, para a terra, enquanto outras flechas sucediam-se, arrancadas, sempre, sem magoá-lo.

Assim, aquela Visão deslumbrando afastou-se... afastou-se... até desaparecer, misteriosamente, além, muito além, deixando, nos maus, o prêmio do remorso, e, nos bons, o pungir de uma grande saudade!

(Esta lenda, com pequena variante, encontra-se também, no livro “Contos Pátrios”, de Olavo Bilac e João Ribeiro).

No “*Correio da Vitória*”, de 10/9/1859, o Sr. Franklim Dória publica uma poesia sobre a lenda de São Tomé, que assim termina:

Bem ao certo não se sabe o ano
Nem o dia propício do mês
Em que, a este país soberano,
Sua rota o apóstolo fez.
O milagre não perde, por isso,
Seu prestígio, seu cunho de fé.
E corrente, eu o aceito, submisso,
Veio, outrora, até cá, São Tomé.

22 A MANTEIGUEIRA ASSOMBRADA

Contava um remanescente dos nossos silvícolas que, no tempo de o Espírito Santo ainda habitado por diversas nações de seus ascendentes, em plena selvageria, aqui, apareceram muitos brancos; dissimulavam bondade e presenteavam-nos, com diversos objetos esquisitos, para, depois, demonstrarem ambição e maus sentimentos. Capturavam homens e crianças; maltratavam os que resistiam à prisão. Resolveram, por isso, os índios guerreá-los, no Continente, onde pretendiam fixar-se.

Forte, astucioso e de compleição atlética, o pajé Iuramati era um guerreiro intrépido cujos predicados passaram aos seus filhos, — dois jovens goitacás; e Iara, — a filha, no esplendor dos seus dezesseis anos, tipo de beleza pura, — olhos grandes, negros e brilhantes, cabelos sedosos, que lhe cobriam as espáduas. Na expressão de meiguice do seu rosto moreno, sobressaiam os dentes alvos e perfeitos.

Contava-nos o velho representante dos nossos autóctones que Iara encarnava a flor mais linda que os goitacás haviam conhecido, motivo por que Iuramata, orgulhoso de sua filha, projetava escolher, na tribo, um guerreiro valoroso, que a desposasse. Aguardava apenas o conselho dos magos. E temia as incursões dos brancos, visto como, apesar da vigilância constante dos índios, tentavam, às vezes, transpor o canal. Muitos foram flechados e mortos, no perigo dessas travessias.

— Um jovem lusitano, porém, resolveu pescar, nas imediações de Vila Velha. Chamava-se João-Maria. Tomou uma canoa e cautelosamente ao cair da tarde, remou... contornou o Penedo e aproximou-se, mansamente do litoral, mais adiante, quando o ruído célere de um conjunto de setas lhe passou sobre a cabeça e abalou-o, em arrepios de terror! Caíram, ao mar, na sua frente.

Atônito, João-Maria olhou o ponto de onde partira a agressão e, presa de assombro, divisou, sobre um cômodo, a figura angelical de Iara, a sorrir. Empunhava a esgaravatana.

Confiante na inocência daquele sorriso, Joao-Maria saltou para a margem e aproximou-se da índia que, rápida, desapareceu, na floresta. Instantes depois, reapareceu, gesticulando, sem que o jovem pudesse compreendê-la, achando, entretanto, misterioso o que se lhe deparava. Zarpou. E, à noite, na Ilha Grande, lutou com a insônia, seguida de cruel pesadelo, até que o sono venceu as consequências da impressão causada pelo encontro daquela escultura animada pela força da vida, na exuberância da Natureza. Sentia-se debater, entre o desejo de rever a figura extraordinariamente bela da índia, de tê-la nos seus braços e cobri-la de carícias, — e o temor de uma cilada ou vingança atroz dos poderosos da selva.

Não. Não podia voltar!

Seria crivado de flechas!

Sonho? Realidade?

Refeito, porém, de tantas emoções, João-Maria decidiu-se, em repetir a vistoria ao sitio magnífico, na mesma hora vespertina. Dominado, pelo tumultuar de pensamentos e sentimentos diversos, remou. — remou, até o lugar encantador. Logo, Iara sai do arvoredo e vai ao mar; nada, para alcançar a embarcação.

Enleado, João Maria procura convencê-la de entrar na canoa, ao passo que, novamente, a índia foge, e se oculta na mata.

Noutros dias, sucessivos encontros mais aproximaram aqueles corações juvenis.

Finalmente, Iara convidou João-Maria para subirem a encosta, a fim de apreciarem, ao longe, as malocas da sua tribo. Foram, mas, após uma cena de carinhos e afagos, a índia... fugiu..., deixando o seu apaixonado certo da correspondência do amor.

Jamais, porém, o furioso pajé perdoaria as atrocidades dos invasores brancos, ao seu domínio, e cientificado dos colóquios amorosos de sua filha com o estranho, convocou o conselho dos magos. Luas e luas, oraram a Tupã, fervorosamente! E tomaram a trágica

decisão: — Numa pilha, de troncos, dispostos para a fogueira, colocaram os corpos dos enamorados, crivados de flechas.

Nos estertores da agonia, João-Maria e Iara se abraçaram. E assim, morreram!

Em torno, ao crepitar da fogueira, de rostos medonhos, de pintura e indumentária adequadas ao rito, os feiticeiros cantavam e dançavam, ao lúgubre ruflar dos seus tambores.

Finda a cerimônia macabra, o pajé inflexível mandou construir, ali, sobre o carvão e a cinza do martírio daqueles jovens, uma palhoça, — templo onde os feiticeiros e os iniciantes da magia invocavam os espíritos, seus conselheiros.

Parecia-lhes, desde então, que os gemidos singulares daquelas vítimas do amor puro e profundo se elevavam, entre o clamor dos seus espíritos.

Desse romance entre a mulher índia e o colono luso, resultou a lenda de uma “assombração” para a Casa da Manteigueira, assim denominado num antigo solar, erguido em Jaburuna, sobre uma colina fronteira ao mar. Era elegante sobrado que, segundo a mesma lenda, não podia ser habitado, porque, alta noite, os espíritos de João-Maria e Iara fechavam e abriam portas, ruidosamente, andavam pelos corredores e salões, e gemiam... gemiam, profundamente, conforme os ciclos da lua.

A casa desapareceu, há pouco tempo. Constituía uma curiosidade, para os viajantes, na passagem dos barcos, pelo canal de acesso ao Porto da Vitória.

Meaípe é um lugar, perto de Guarapari, habitado, na maioria, por famílias de pescadores.

Conta-se que, sob a influência de um ipupiara, guarda atento das embocaduras dos rios e córregos, de Benevente até Guarapari, um navio holandês naufragou, na Costa do Espírito Santo. Salvaram-se apenas alguns tripulantes, presos aos destroços, levados pelas ondas. Nesse tempo, a região era habitada semente pelos goitacás.

Sentiram os náufragos, de certo, a reação dos silvícolas que, profundamente admirados, ante os seus caracteres físicos, — olhos da cor do céu e cabelos, cor do Sol, tomaram--nos como atirados ali pelos gênios do oceano. Ofereceram-lhes frutos e mel; deram-lhes redes, para que repousassem, à sombra das árvores tintureiras.

Com o decorrer das luas, foram os ádvenas assinalando os costumes indígenas, e receberam filhas dos chefes, para suas esposas, o que, Segundo os habitantes do lugar, explica a sobrevivência estrangeira, no tipo da população regional. Um, porém, desgarrou-se do grupo, antes dos esponsais; errou, errou..., até que, empolgado pelo cenário belíssimo de uma angra, na sua praia, deteve-se, deslumbrado!

Esquecera-se do itinerário percorrido.

— Como regressar à taba hospitaleira?

Caía a noite, e o flamengo, atemorizado, procurava resistir ao sono, quando o surpreendeu a visão de uma formosa mulher, que emergia das ondas, envolta na sedosa cabeleira, que refletia todo o luar.

Vencida a emoção, o jovem convidou-a a sentar-se, na areia, ao seu lado; mas, em evoluções graciosas, ela se aproximava e se afastava. Ora, estendia-lhe os braços; ora, mergulhava, para reaparecer, mais atraente e bela.

— Por que não dormes? — perguntou-lhe a visão.

— Perdi o sono.

— Vais recuperá-lo. — E começou a modular suavíssimo acalanto.

Ao romper da aurora, o jovem desperta, embalado ainda, pela recordação do que se passara. Olha, em volta, e se lhe depara, num eco de sapucaia, um enxame que se alava, em busca de provisões de pólen. Então, socou umas folhas de pau-d'álho, como aprendera dos índios, untou as mãos e o rosto, a fim de que, pelo cheiro, as operárias se afastassem. Colheu alguns favos, que o deliciaram.

Fez uma palhoça.

Ali, ficaria, até que decifrasse o enigma da visão noturna.

Ansioso, aguardou que as trevas caíssem e, no céu, pontilhassem as primeiras estrelas.

Longe, eis que ressurgue o vulto escultural.

— Ela!... pensou o flamengo.

Ela, sim, volteava, graciosa, a distância.

A pesquisar instintivamente o motivo do afastamento, o jovem relanceia um olhar pelo sitio e descobre, na tranquilidade da água, duas tochas fixas.

Não tremeluziam, como os vagalumes, nem ondulavam, como a faixa do luar, estirado na égua. Misteriosos, pareciam devorá-lo!

Ao pio de uma coruja, logo, sucedeu o anúncio do bacurau: — Amanhã, eu vou! Amanhã, eu vou...

Enleado, atônito, o flamengo sente arrastar-se, para as franjas da praia. Vai, Vai, magnetizado, pela fixidez daqueles olhos, em ignição, enquanto a mãe-d'água, faminta, se enroscava ao seu corpo jovem e forte. Ignorava, porém, que já se lhe abrasara o coração, pela chama do Amor. Não poderia ser devorado, porque se prendera à melodia da voz e à beleza helênica de uma sereia!

Para vingar-se, então, da própria derrota, a mãe-d'água arrasta-o, até o meio do lago e invoca a Tupã que o transforme em pedra.

Desde essa noite, quando as trevas descem à Terra, cintilam as estrelas e as aves noturnas emitem os seus lamentos, vem a Sereia de Meaípe cantar a melodia da Saudade, sobre o monumento do seu Amor!

Dizem que, em tempos remotos, perdidos no caos da pré-história capixaba, o rio Itapemirim, na magnitude da flora, que o marginava, e dos caracteres especiais da região circunvizinha, era o lugar predileto de anões, fadas e outras figuras de transição da mitologia para a realidade.

Segundo as histórias do Pai-Velho, um remanescente dos antigos escravos do Monte Líbano, nas cachoeiras rumorosas, cobertas de ingás e bambus, ninfas. cerúleas, róseas, argentinas e douradas, — corpos de Vênus e asas translúcidas, banhavam-se, no bailado da aurora, à carícia inebriante do raiar suavíssimo do Sol.

Nas picadas abertas entre árvores centenárias, desciam veados, inambus, jacutingas, pacas, lagartos, capivaras e outros habitantes da selva, que se desalteravam, após a excursão matinal. Completavam, naturalmente, o cenário animado pelos volteios dos colibris, heliconídeos e piérides, ao compasso da orquestra incomparável dos canários, gaturamos, das cotovias e demais cantores alados.

Valsavam as ninfas douradas; pousavam, nas rochas que, e imersas do leito, aqui e ali, represavam o ímpeto furioso da Corrente. Chegava-se à calma dos remansos, ponto ameno, onde se reuniam garças e palmípedes, ao saboroso repasto dos lambaris e caracóis. Detinham-se, finalmente, na faixa alvíssima das praias expostas à plenitude do Sol. Refeitas do delírio matinal, erguiam-se, atraídas pela fragrância pura das corolas, que se expandiam, à medida que se intensificava a penetração do calor, na trama viçosa e fina da ramagem. Saltavam, corriam, voavam, então as fadas belíssimas, e dirigiam-se ao recôndito da selva saturada de encantos.

Nas lianas floridas, trinavam os pássaros. Nos galhos e troncos, deslizavam e pulavam esquilos e monos, em busca de nozes e bagas. O martelo do pica-pau furava o córtex das árvores, ao passo

que papagaios, periquitos e araras cruzavam as alturas, em bandos gregários, alvoroçados, na algazarra do palrear dissonante.

E o rio Itapemirim, calmo e imponente, passava! Rugia nas cachoeiras, murmurava nos remansos, indiferente, entretanto, a poesia dos monumentos naturais do seu domínio, e aos traços lendários impressos, nas ilhas e demais acidentes surgidos, naturalmente, do seu poder erosivo.

Rumo aos festins vesperais, na bacia da Cobiça, nas cavernas da Cachoeirinha e no desfiladeiro do Chalet, desciam pelas encostas do Maquiné, do Rio Novo, do— Monte Líbano do Valão, os anões, carregados de ouro e pedrarias. Seguiam os do Norte a direção da Cachoeira Grande; marchavam os do Sul, pelo Guandu. Obedeciam, porém, ao itinerário comum da concentração, na Ilha da Luz, antigamente; da Boa Esperança.

Findo o ritual, todos lançavam, no Itapemirim, balsas de palmeiras e pixídios de sapucaias, para o desfile festivo, até o ancoradouro, em Bahia-e-Minas.

Constituía essa parte do programa a homenagem suprema à figura do Itabira, projetada no Itapemirim, quando as fadas regressavam da floresta, fascinadas pela magia do crepúsculo e ansiosas de mirar-se no espelho do luar, refletido na pureza das águas.

Do reino encantado de anões e fadas, que bailavam, na festa da aurora e amavam-se, a sombra do Itabira, na réstia argentina do plenilúnio, surgiu a Princesa do Sul. Tocada pela mão do homem, sentiu o poder supremo da Inteligência e afastou-se, para as alturas do Empíreo. Antes, porém, de transpor a faixa nívea dos cirros, num enleio sublime, volveu o olhar para o seu rio formoso. Chorou a Princesa da selva capixaba e suas lágrimas, em rosário cristalino, diluíram-se naquelas águas privilegiadas, transmitiram-lhes fluidos excepcionais, que se manifestam, na cultura e no caráter dos filhos dessa região bendita.

Tudo era esplendor, encanto e poesia!

Fascinada por isso, num derradeiro aceno de saudade, a fada

espargiu belezas e lendas, que animam os recantos dessa parcela do Espírito Santo, — Cachoeiro de Itapemirim, berço de figuras de escol, destacadas, na literatura, na imprensa, na política, nas artes, e em todos os setores de atividade.

O Pai-Velho interrompia, às vezes, as narrativas embalsamadas de nostalgia dos sítios antigos do Itapemirim, quando se edificavam as primeiras casas e o ritmo do trabalho invadia aquele reinado das fadas: — “Tudo era bonito... bonito”!...

No seu olhar distante, para os recortes das montanhas, lia-se o recalque dulcíssimo da reminiscência, na alma rude do ancião

— Agora, Pai-Velho, tudo ainda é bonito. Lindo! Cachoeiro é a PRINCESA DO SUL!

É uma linda cachoeira, a mais notável do Município do Castelo, no Espírito Santo. Seu aspecto é maravilhoso, porque, de uma altura superior a duzentos metros, em queda retilínea, despenha-se a água ao seio da floresta virgem, e liga seus pontos extremos, como fita prateada, fendida, ao Centro, pela tarja preta triste, dolorosa e de evocação lendária. Evocação melancólica dos tempos da Capitania, de escravos e senhores, donos escoltados pelos capitães-do-mato, ambiciosos todos pelo ouro oculto, no âmago da terra inexplorada, que formava a antiga fazenda “São Sebastião».

Aí, entre muitos infelizes dominados pelo trabalho servil, estava a desventurada Balbina, elevada, de súbito, são preferências de um feitor autoritário e desumano, cuja maldade lhe sufocava os sonhos de viver feliz, na humildade do seu rancho, onde aspirasse a paz e a liberdade.

Nada!

O relho e outros castigos deviam vencer-lhe a resistência, na conservação da sua pureza! Mas, espancada, humilhada, sem o direito, até mesmo, a um lamento, Balbina reage e, no esplendor daquela Natureza, como a fagulha da liberdade, que lhe atravessava o mundo interior, entra no arvoredo, oculta-se, em tarde radiosa, quando o Sol deixava, no horizonte, os derradeiros tons da sua escala cromática.

Reza: — Ó, Deus, criador de nossas almas, de tudo o que existe, e Senhor de nossos destinos! Dai-me a liberdade, como a destes aos pássaros, às cigarras, às árvores, às nuvens, a tudo o que me rodeia e canta vossa Glória!”

Atraída, pelo rumor da água, na queda retilínea, enlevada, atônita, torturada pela dor física e pelo tormento íntimo, a escrava rompe o emaranhado da selva... Mais um passo e o brilho argentino da faixa líquida ofusca-lhe a visão. Balbina curva-se, para de-

salterar-se, aliviar a febre, causticante de suas entranhas. Perde o equilíbrio e, no abismo negro das águas, encontra a sepultura de todo o seu acervo de dor!

Por isso, com a faixa negra de suas rochas, o Salto da Prata, desperta nos turistas e transeuntes, lembrança pungente de uma lenda regional, do tempo da escravidão, no Espírito Santo.

Estavam os religiosos beneditinos instalados no seu mosteiro, em Vila Velha, quando receberam a visita de um confrade, em passagem para o Rio de Janeiro.

Aproveitando o frescor de uma tarde, resolveu o itinerante dar uma voltinha, a fim de conhecer a terra e conversar com os moradores, para inteirar-se dos seus costumes, e colher informes da região.

Conversa-Vai, conversa-Vem, surgiu, para forte admiração do estranho, uma notícia fantástica: — No caminho da Penha, (hoje Ladeira do Convento), ainda sem a calçada de lajes e divisão, nos Sete Passos murados, havia uma pavorosa assombração! Acompanhava os que, depois da Ave-Maria, tentavam galgar o Monte, encimado pela Nossa Senhora. Tomava-lhes a frente, às vezes. Não os deixava, porém, repousar, no pequeno templo das Palmeiras.

Resolveu o beneditino desvendar o mistério; provar àquele povo inculto sua coragem de enfrentar a noite. Passada a hora do Ângelus, tomou de uma lanterna e encetou lentamente, o arrojo da ascensão. Vagalumes rebrilhavam... Saltavam aves noturnas, com os seus pios e arrulhos.

Vencido o primeiro passo, quando o luar já prateava algumas clareiras e coava-se, até as pedras cobertas de musgo, eis que espantoso vulto se lhe acerca; em vários aspectos sucessivos; segue-o, equidistante e ameaçador até o final do percurso.

Na capela, tenta o monge repicar o sino, de modo a provar, aos habitantes da Vila, o êxito da sua aventura.

Nada!... Horrenda figura, presa à corda, opunha-se à realização do seu plano; provocava luta indispensável, até que o frade invoca a Virgem da Penha, e implora o seu celestial socorro. Animado, assim, de filial confiança, vence o temeroso espectro, e toca ardoro-

samente o sino, porém, o monstro, dominado pelo furor do evidente fracasso prende-o, com a maior violência, e atira-o no espaço.

Sente-se logo o nosso herói cercado de anjos, que o amparam e, na segurança de um voo, trazem-no incólume, suavemente, ao ponto em que, reunidos, o esperavam aqueles moradores da Vila, admirados, agora, de vê-lo tão depressa, quando ainda se ouviam as últimas vibrações do bronze.

— Foi Nossa Senhora da Penha! ... – Exclamou o beneditino.

Encontra-se esta lenda, em Notas, à “Notícia da Ordem Beneditina, no Espírito Santo”, de Dom C. Nigra.

27 O CAÇADOR DE FORNO GRANDE

Forno Grande é um Monte, no Município do Castelo.

Diziam, antigamente, que, em tempos remotos, antes de ser o lugar habitado pelas tribos indígenas, o dominavam gênios infernais que, ali, estabeleceram uma comunicação com as entranhas da Terra.

Posteriormente, vieram os puris firmar-se, na região; foram, porém, afastados, pelos bandeirantes mineiros, cobiçosos das famosas minas de ouro e pedras preciosas.

Segundo relatos diversos, na fase inicial do desbravamento, quando chegaram os primeiros povoadores brancos, havia ainda quem fizesse tratos com o demônio, com o saci, o curupira etc., ou procurasse vencê-los. Por isso, um caçador, desejoso de penetrar nas matas de Forno Grande, e chegar até o lugar encantado, a fim de apoderar-se do ouro e das pedras preciosas, apostou com amigos: Havia de vencer o saci, representante do Príncipe das Trevas, naquele temido lugar. Em caso de vitória, seria eleito chefe do povoado.

Partiu, numa madrugada. Subiu. Venceu cipós e espinheiros. E, quanto mais andava, mais distante se lhe apresentava a cratera fantástica. Passou o dia, andando...

Aproximava-se a tarde e nem sinal de caça, — jacutingas, veados, pacas etc.

Exausto, sentou-se, numa pedra, junto a uma extensa laje, coberta pela fronde de um mulembá. Repousou; mas, na hora da Ave-Maria, sentiu ligeiro estremecimento da terra. Aprestou a espingarda. — Seria o momento de vencer o mistério? Não. Jamais voltaria ao povoado, sem, ao menos, um saquinho de ouro, no bolso.

Súbito, em saltos característicos, sobre a laje, que se levantara, parcialmente, surge o saci, a fazer-lhe trejeitos. Presa do pavor, o ho-

mem larga a espingarda, para fazer um esconjuro e tragar o Sinal da Cruz; ágil, porém, o negrinho descarrega a arma e atira-a distante.

Em disparada, sai o homem, seguido pelo gênio das estradas desertas. Corre, corre... passa correndo, no povoado, onde as luzes já estavam apagadas e os moradores dormiam! Nem uma porta aberta, porque todos receavam o desfecho da aventura e não queriam envolver-se com o saci.

E o homem continua correndo, até hoje. Corre, corre, para que outros possam viver, em paz, salvos do perigo do lugar, ainda chamado Forno Grande, embora extinta a cratera do saci.

Recordava-se uma velha escrava do que lhe contaram, na infância: — Muitas vezes, na quietude das ondas, na calma da brisa, ouvia-se a melodia dos sons de um búzio encantado, instrumento soberbo de um gênio residente, num misterioso palácio, oculto no Penedo. Em determinadas horas, fendia-se o rochedo, como talhado pelo relance de um raio, ou espada invisível de um titã. Logo, o vulto, semelhante a um príncipe intrépido e formoso, caminhava sobre as ondas, chegava a praia belíssima, ainda intata, pela ausência da civilização. Tomava o búzio lindo e refulgente, na irisação de sua madre-pérola, e desferia música suave, harmoniosa e enlevante!

Alguém, certo dia, ouviu-lhe a história — Gênio bom e manso, fora enclausurado, no coração da pedra, para assistir a todos os triunfos e todas as amarguras da Terra Espírito-santense. Conheceu, assim, as primitivas tribos, em completa selvageria, errantes, na opulência maravilhosa da floresta. Chegaram as naus lusitanas, na ambição das explorações e, depois, a caravela “Glória”, trazendo um Donatário, para dominar os índios, verdadeiros senhores da terra. E aquele vulto misterioso assistiu à trucidação dos silvícolas, as investidas dos franceses e holandeses, ao cativo dos africanos, ao apostolado dos jesuítas e outras passagens da História do Espírito Santo. Encerrado, no Penedo, como se fora a alma da sentinela granítica de Vitória, presenciara a tudo, enquanto implorava aos deuses que protegessem a Terra Capixaba, felicitando-a e enaltecendo-a.

E, todas as noites, quando as estrelas cintilavam, o gênio voltava ao seu relato sincero e interessante. Recomendava-lhe, entretanto: Se denunciares a alguém minha existência, nunca mais teus olhos hão de me ver”.

Logo, o búzio encantado soltava os primeiros compassos da melodia deliciosa e o vulto afastava-se... Parecia conduzido pelas vibrações etéreas e mágicas... Sumia-se, nos anfractos da rocha.

Sentado num tamborete, na varanda da casa grande, numa fazenda, para os lados de Vila Velha, o africano setuagenário, contador de histórias, no recreio seguinte à ceia daquele tempo, relatava a coletânea dos seus conhecimentos lendários, aos sinhozinhos atentos: — o Muxoara, o Jucutuquara, a Penha... o Penedo.

Ah, sim, o Penedo continuava na dianteira, como centro de interesse, para as narrativas que estreitavam a realidade do Presente aos mistérios envoltos na poesia do Passado. Avultava, de fato, qual repositório dos registros lendários da promissora Vila da Vitória.

Segundo aquela enciclopédia viva da tradição, que recolhera dos seus antepassados, certa vez, uma nau, vinda de longe, muito longe, fundeara, a sudeste do rochedo, e surpreendera a tribo, ali acampada, cujos maiores, com o apuro da visão, procuravam, horrorizados e impressionados, desvendar-lhe as intenções.

Descem os escaleres e se aproximam da taba. Aparentemente, pacíficos, os brancos, mediante agrados e presentes, tentam conquistar a simpatia dos selvagens, enquanto as mulheres íncolas, de singular formosura, apurada na força da raça, em pleno sol tropical e no hausto puro da Natureza, impressionavam os marujos e aventureiros. Trava-se, por isso, verdadeira batalha muda de paixões, entre os olhares luxuriosos dos nautas e das índias puras e confiantes, à medida que os guerreiros autóctones empunham as suas armas, para a impreterível defesa de seus lares, e os jovens espreitam as atitudes de suas prometidas.

Aconteceu, porém, que, sem qualquer explicação, para a demora imprevista, porque, faltando na terra, o ouro ambicionado, deveria logo ter velejado, para outras paragens do Sul; a embarcação, entretanto, permanecia ancorada.

Desaparecera um escaler.

— Por quê?

Atraído pelos encantos de uma jovem goitacá, noiva que, de acordo com o ritual de seus pajés, aguardava o dia festivo das bodas, um dos nautas, jeitosamente, roubara-lhe o coração, e raptara-a, indiferente à pureza dos afetos, reclamados no coração do noivo.

Soou a inúbia.

Alanceado, na inteireza do seu amor, o índio, desesperado e indômito, entra numa igara e faz-se ao mar. Alcança os fugitivos que, ao largo, esperavam a nau, conforme entendimento com a equipagem. Arrebata a noiva e atravessa-lhe o coração, numa setada infalível. Atira o cadáver ao mar, e, furioso, incontido, agita os remos, de volta ao sítio do seu amor!

Galga o Penedo, em cujo cimo, volta-se para o oceano e estende os punhos cerrados à nau, que se perdera além, no horizonte. Numa imprecação atávica, atira-lhe terrível sentença. Prepara-se para despenhar-se, na encosta, e perder-se, nas águas! Ribomba, porém, o trovão e o ziguezaguear de um raio decepa a calota do penhasco!

Terror!... Mistério! ...

Uma força a enigmática afasta o íncola da morte, enquanto voz misteriosa o aconselha: — “Deixa o suicídio aos covardes! Não destruas a vida, que não criaste!... Cometeste um crime. Vai para o Norte proteger teus irmãos, que os brancos tentam escravizar. O túmulo de tua noiva será assinalado com a pedra recém-talhada.”

Silêncio!...

Num olhar pasmado, vagando em torno, o jovem percebe que as ondas haviam trazido o corpo inerte de sua Jaci, para o mesmo sítio em que, nas pescarias da infância, desabrochara o idílio, para a adolescência. Boiava, a mercê das vagas, aquela escultura da Beleza, ressaltada pelo reflexo da Lua, no espelho das águas! Libertos, semelhantes à auréola que ele via, no astro da noite, os cabelos eram lindos ainda;

recordavam-lhe o tempo em que, de mãos dadas, ambos corriam, felizes, atrás de uma corça, das piaçocas ou das seriemas, em bandos!

Estarrecido, o selvagem contempla aquele quadro magnificamente trágico e real. Mãos invisíveis, porém, arrancam-no da imobilidade, e afastam-no dali; apoderam-se da pedra, laçam-na ao ponto em que jazia o pedestal resultante de uma transformação do cadáver da índia.

A voz continuou: — “Se algum dia, mãos profanas removerem aquela pedra do seu trono sublime, esta região, berço de um amor dilacerado, fender-se-á, num tremor pavoroso, para sumir-se, devorada, pelas entranhas do oceano”.

Silêncio mais profundo! Silêncio, ainda!...

Aturdido, o goitacá ergueu a fronte altiva, olhou, em volta, pesquisou o Setentrião e, com o passo firme, resoluto, rompeu planícies, galgou outeiros, andou, andou...até desaparecer, além!...

Este é o motivo por que, símbolo de um coração petrificado, erguido no pedestal do seu amor, a Pedra dos Ovos resiste, incólume, ao embate das ondas e ao vaivém das marés.

Recolhemos esta lenda da coleção do calendário da Casa Verde.

Inebriado, na beleza do crepúsculo, até hoje, singular, na Baía da Vitória, jazia indiferente ao descer das trevas e ao cintilar das estrelas, que pontilhavam o firmamento quando se viu atirado violentamente ao solo, pela força de um gigante íncola, surgido, rápido, naquele desterro.

Iria levá-lo a taba e devorá-lo, num festim canibal?

Perdera os sentidos, na violência de um soco. Antes, porém, de ser arrastado para a floresta, uma seta misteriosa prostrou logo o índio cruel. Varou-lhe, certo, o coração. Caíra sobre o corpo arquejante do lusitano.

Por quê?

Porque, de uma touceira vizinha, alguém estivera observando, às ocultas, o taciturno oficial, que passeava, na praia. Era uma goitacá bela e vigorosa, alma rústica e meiga, impressionada pela melancolia do homem estranho. Na contemplação, discreta e muda, sonhara com a felicidade, que somente o amor sabe fantasiar e fantasiara, mesmo um futuro venturoso, a guarda carinhosa do guerreiro. Por isso, vendo-o cair, dominado pela traição de um chefe da sua tribo, tomou logo do arco e livrou-o da morte.

Aproximou-se, depois, daqueles dois corpos, recostou o íncola morto, num tronco de sapucaia. Atirou três flechas, em direções diversas, para o cume do morro, num aviso talvez do que ocorrera. E logo, sopesando o corpo arquejante do jovem lusitano, desceu a escarpa, a fim de encontra-lo. Banhou-lhe a frente e os punhos, no mar. Pressentindo, porém, o aproximar-se da sua gente, certa de uma vendeta, ergue aos ombros o branco, ainda aturdido, joga-se ao mar, para transpor o canal e chegar as fraldas do Penedo.

Assanhados, furiosos, perante o ocorrido, os índios farejavam as moitas, na sindicância aflitiva do autor daquela morte dolorosa, para a sua tribo. Faltava-lhes, porém, o rumo preciso, desfeito que estava, na areia, o rastilho denunciador. A preamar o destruirá.

Delineou-se, então, a dupla reação — a dos colonos, que suspeitavam a morte do oficial, numa emboscada dos silvícolas; e a destes, certos do rapto da índia, pelos colonos.

E o terror espalhou-se, na Vila Nova!

A guarda do Penedo, entretanto, reclinado num tapete de folhas secas, alimentado de frutos silvestres e água pura de uma gruta, restabelecia-se o colono, surpreso, perante o que se lhe deparava: — aquela índia, humilde, cândida e amorosa, contemplava-o, ternamente, e cercava-o de cuidados, no âmbito estreito de uma palhoça!

Tentou reconstituir os fatos. Ensaiou andar. sair daquele ermo, daquela prisão... Levou a mão ao bolso e encontrou ainda o pequeno estojo. Continha a imagem de sua devoção. Mediante sinais, porém, ela avisou-o do perigo e impediu que se afastasse dali.

Distanciaram-se cautelosamente do mar. Em explorações, nas vizinhanças do Penedo, andaram, subiram, aqui, desceram, ali. Sorveram as delícias da Natureza, ou se aqueceram, à plenitude do Sol. E, assim, descobriram pequena furna, onde o branco se recordou dos velhos oratórios da sua Pátria. Ajoelhou-se. Rezou, com o fervor dos agraciados pela proteção celestial, enquanto, enleada, comovida, a índia procurava limitar-lhes os gestos e balbuciar algo, na elevação instintiva da alma humana, para o Infinito. Depois, naquela pequena gruta, sobre uma saliência natural, depuseram a pequena imagem de Nossa Senhora.

E, assim, aquelas duas almas chegaram a compreender-se: ela, pela espontânea inclinação afetiva; ele, pela sinceridade, na gratidão. Ela, pela simpatia irresistível e doce piedade, que desarmaram o braço forte do íncola, perante a tristeza do branco; ele, admirado e reconhecido, pela bondade que se irradiava daquele coração selvagem!...

Resignou-se, por isso a viver, na sua palha, junto à sua adorada vigilante.

Minha querida!...

Airema, — o meu nome, — explicou a goitacá, mediante gestos elucidativos.

— Airema, sim, minha Airema!

E, ali, a guarda do Penedo, formou-se mais um lar capixaba.

Ao relatar-nos essa lenda, alguém explicou-nos: — Por isso foi que o Tempo ordenou ao Vento que transportasse areia, poeira e outros elementos, a fim de que o Calor e a Água os consolidasse, na escultura natural da Pedra do Oratório.

Parte dessa lenda, encontra-se nos jornais da Biblioteca Pública Estadual.

Faltavam água e esgotos, em princípios deste Século, na Cidade da Vitória, melhoramentos introduzidos, ali, no Governo do Presidente Jerônimo de Sousa Monteiro (1908-1912). Eram, por isso, os urubus numerosos, preciosos e utilíssimos. Contribuíam para a limpeza urbana, apesar de imprimirem, às vezes, na paisagem, uma nota de tristeza.

Certa ocasião, a Sra. Maria dos Cágados, residente nos Pelames, e dedicada à criação dos mencionados quelônios, relatou-nos o motivo da tristeza dos urubus: — Na grande família dessas aves, sempre emplumadas de preto, nascera um lindo rebento, portador de uma pena branca, frisada e bela, no peito. Cresceu, envolto no carinho de todos, tornou-se vaidoso do seu privilégio. Mesmo porque foi eleito o representante máximo do seu clã. Empavonava-se, quando passava pelas outras aves. Julgava-se um rei.

Um dia, cantava deliciosamente um sabia, num galho de sapucaia florida, árvore que servia igualmente de pouso ao urubu da pena branca, já de todos conhecido, quando passou um bando de urubus, em demanda a certo alimento.

Alguns avistaram o seu eleito e julgaram-no fosse o magno cantor. Elogiaram-no: — “Que Voz maravilhosa a do real confrade!

Orgulhoso, o urubu da pena branca ordenou-lhes que fossem depressa convidar a passarada inteira, para deliciar-se com a sua melodia.

Vieram logo sabias, bem-te-vis, pintassilgos, carrigas, canários e muitos outros pássaros da região. Iniciou o presunçoso o seu roncar, desafinado e ridículo.

Iniciou o presunçoso o seu roncar, desafinado e ridículo.

Rompeu a assistência alada, em cantoria confusa, verdadeiro gargalhar de ironia, que se elevava, à medida que o “rei” da pena branca mais roncava e se debatia, até que, exausto, arrancou o seu

distintivo, para confundir-se com os seus companheiros, então, desconfiado e triste, para sempre, na grande família emplumada.

Cenário admirável da Terra Capixaba, a Lagoa Juparanã ostenta a famosa e histórica Ilha do Imperador, ponto naturalmente preferido, para excursões e piqueniques. O locativo recorda a visita de S. M. o Imperador Sr. Dom Pedro II, em 1860.

Dizem-na lagoa encantada. Reconhecemos, porém, que sua história daria para um livro interessante e instrutivo.

De par com outros recantos belos e saudáveis do Espírito Santo, a Juparanã esta á saturada de fantasia, criada pela imaginação do povo, e que se tem perpetuado, através das gerações. Afirma-se, por exemplo, que foi domínio de fadas e anões: sofreu posteriormente investidas de corsários misteriosos, que pretendiam apossar-se das riquezas naturais do Rio Doce. O certo, porém, é que, nas suas matas, onde Rubim julgou existir o Paraíso Terrestre, matas “que a mão do homem poderia explorar eternamente”, viveram os botocudos, indígenas perigosos, cujos descendentes podemos reconhecer, ainda, na sua população humilde.

— Dentre as histórias fantásticas do rio Doce, destacamos a seguinte, que nos ensina a formação da Lagoa Juparanã: — Antes, muito antes da posse da Capitania, pelo seu primeiro donatário, naus aventuras subirarn o extenso caudal, até a maior largura do seu leito.

Numa das margens do grande Uatu, certo pajé, sua tribo, seus feiticeiros e oráculos haviam erguido seus quijemes, tornando organizada e bem defendida a sua taba. Sobravam-lhe a caça e os frutos silvestres, o mel e as fibras necessárias ao seu artesanato que, posteriormente, os portugueses desprezaram.

Viviam felizes, na plenitude da vida primitiva, quando, certo dia, o som de remadas fortes chegou a percepção das sentinelas, que se revezavam, até alguns quilômetros, para a foz e as Cabeceiras. Um silvo, seguido de uma flecha emplumada, alcançou o reduto íncola.

Retumbou, logo, a imbuia, para congregar os guerreiros, enquanto, o oráculo invocava a Tupã e os feiticeiros preparavam a fogueira, onde queimaria o pataqui e os amuletos revigorantes do ânimo geral.

Calculavam todos o festim da vitória, com a carne fresca das vítimas.

Aproximam-se as embarcações.

Ao ataque das flechas, partido, as ocultas do seio da folhagem, responde o troar das pegas de bordo.

Aturdido, o conjunto silvícola, perante aquela novidade, pois jamais, no seu domínio, conhecera a arte bélica do homem branco, deixa que a fileira majestosa das galeras penetre, livre, naquelas ziguas imensas, verdadeiro mar insosso, no curso de um rio. Aprecia, aturdido e embevecido, a evolução graciosa dos barcos, em todas as direções. Parecem livres, num sitio encantado, e salvos da instintiva e naturalmente justa defesa de algum habitante.

No silêncio da noite, porém, quando recolhidos ao repouso os comandantes e subalternos, começam a arder fogueiras, nas margens. Formam regular e terrível cordão ígneo, intransponível, ao passo que nuvens de flechas envenenadas obscurecem o espago e o clamor do índio ergue-se a Tupã e aos seres misteriosos, que povoavam o lugar, antes do domínio do homem!

Chove...

Raios ziguzagueiam, na escuridão do espaço.

Furioso, o Uatu encrespa suas águas, antes tranquilas. Mas, agora, solapam barrancos e conduzem grosso material que se deposita de modo a impedir a fuga do invasor.

Em torno de um rochedo, onde o pajé admirava o plenilúnio, adorava a Tepó e ouvia o vaticínio do oráculo, detritos maiores, — folhas, raízes e demais resultados da erosão formaram graciosamente uma ilha, testemunho posterior daquela passagem lendária.

Nas suas pirogas e juncats, e com os seus instrumentos próprios de combate, a horda furiosa ataca o invasor; fura os cascos das

embarcações e, na superioridade numérica de seus elementos, realiza impiedoso morticínio, até que, passada a tormenta, ao dealbar da aurora, apenas destroços boiavam, na calma das águas de um grande lago sobre o qual o arco-íris anunciava a Paz e a bênção de Tupã!

Decorrido algum tempo, entretanto, luzes apareceram, aqui e ali, na extensão da lagoa, — os fogos-fátuos, inexplicáveis ao homem primitivo.

Seriam os archotes das galeras, que emergiam, para desafiar o poder dos oráculos?

Supersticioso, o índio transmitiu aos pósteros a história encantada e épica da Juparanã, afirmando, que, à meia-noite, se perpetua a memória do combate: — movimentam-se as galeras emersas, como se procurassem, ainda, o inimigo, no refúgio da Ilha, ou das margens. Sua guarnição é garbosa e completa — almirantes, oficiais e marinheiros, ricamente uniformizados, erguem luminárias, cujo fulgor domina o espaço.

Ouve-se, então, o hino de suas terras, hino de saudade e amor, que se esvai, até extinguir-se, quando a orquestra memorial dos pássaros o suplanta e destrói o encantamento da lagoa.

A Juparanã reaparece maravilhosamente bela e incomparável!

Glossário

Uatu: O Rio Doce, na linguagem dos botocudos.

Juncat: Canoa de casca de árvore. Idem.

Pataqui: Resina de pau. Idem.

Tepó: Sol. Idem.

Quijemes: Ranchos. Idem.

33 O SONHO DE FREI PEDRO PALÁCIOS

Muitas são as lendas que saturam de poesia a vida de Frei Pedro Palácios, o irmão leigo franciscano, que trouxe, da Europa, a devoção à Nossa Senhora da Penha, para o Brasil.

Conta-se, por exemplo, que, em Portugal, quando servia no Convento de Arrábida, teve um sonho maravilhoso — Sentiu-se transportado para a Capitania do Espírito Santo, onde, sobre um penhasco, no cimo de um monte, deviam existir duas palmeiras, que indicavam o roteiro aos navegantes. Guardavam um lugar privilegiado, para a construção de uma ermida consagrada à Nossa Senhora da Penha, devoção muito divulgada, na Península Ibérica, naquele tempo.

Levado ainda, em sonho, para o rochedo singular, observou, de lá, que um anjo descia do Céu e salvava numerosas almas, que se afogavam, num pântano. Agarrava-as, pelos cabelos.

Ao despertar, sentiu que estava traçada a missão que devia cumprir na terra brasileira — erguer uma ermida à Senhora da Penha e trabalhar, com a palavra e o exemplo, a fim de desvendar aos homens, entregues ao vício e a sordidez, o luminoso caminho da salvação.

34 OS REMENDOS DO CÁGADO

Certa vez, São Pedro convidou todos os animais alados, para uma festa, no Céu?

Muito amigo do urubu e desejoso de acompanhá-lo, pensou o cágado em resolver a dificuldade em que se achava de comparecer igualmente à recepção.

Como voar, porém, se não tinha asas?

Conseguiu entrar na mala do companheiro.

Já no Céu, o cágado arranjou uma roupa de baile e dançou à vontade. Iniciou, mesmo, um namoro com a garça. Mas, como bebeu muito, foi dormir, debaixo de um banco...

Todos os convidados voltaram, para a Terra, enquanto o cágado dormia profundamente, até que São Pedro foi varrer o Céu e o encontrou.

— Como veio?

— Na mala do companheiro urubu.

São Pedro quis enxotá-lo; mas, Nossa Senhora, penalizada, arranjou-lhe umas asas de cera, que lhe anemisassem a queda.

No caminho, as asas foram-se derretendo, com o Sol, e a cera grudou-se, na pele do animal, até que o pobrezinho, caindo numa pedra, ficou em pedaços. A cera, entretanto, era milagrosa e consolidou a carapaça do cágado, apesar de deixá-lo com os sinais dos remendos.

35 NOSSA SENHORA DA PRAINHA

Recebido no Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, a 30 de maio de 1925, o Sr. Dr. Luis Adolfo Tiers Veloso proferiu uma página de recordação denominada “Poesia da Crença”, na qual narrou fatos históricos, envoltos em lendas relacionadas com a demolição da igreja consagrada à Nossa Senhora da Conceição, na Prainha, lugar, depois, aterrado e, agora, ocupado pela Praça da Independência.

— Descreveu, por exemplo, que, ao preparar-se o préstito procesional, a fim de trasladar-se a imagem para a igreja de São Tiago, o Sol refulgia glorioso, na limpidez do céu todo anil... Mas, iniciado apenas o desfilar do cortejo, na praia, repentinamente, obumbrou-se o firmamento e desabou uma carga d’água tão Violenta que, em cinco minutos, as ruas ficaram alagadas. Dispersaram-se os fiéis como por encanto.

Vendo-se a sós, os portadores do andor reconduziram-no à igreja e depuseram a imagem no seu altar. Logo, serenou-se o tempo e o Sol brilhou novamente, num céu puríssimo. Acudiram, então, os fiéis ao repetido chamado. Reorganizou-se a procissão; outro, porém, e mais violento aguaceiro obrigou-os a retroceder. Ficou a solenidade adiada. Estava tudo encharcado: — ruas, povo, condutores do andor. — Entretanto, sobre o manto da Virgem e sobre as palmas que lhe coroavam a frente. Não se percebia nem uma gota das águas do céu!...

Outras lendas firmaram-se, na imaginação do povo, como recordação do pequeno templo, querido principalmente dos pescadores.

Em 1962, grassava a peste bubônica, em Vitória. Memorando ainda a demolição da igreja querida, comentavam os capixabas, aparições de Nossa Senhora da Conceição aos pescadores, seus devotos. Era “uma velhinha de alvos cabelos ondulantes, que errava, pelas circunjacências da Cidade, banida do seu lar. Falava aos pescadores,

contava-lhes esbulho de morada. Profetizava luto e castigos, — punição do pecado irremissível!

Depois, a velhinha transformava-se, inesperadamente, numa Virgem de extraordinária formosura, e desaparecia. Deixava os simples e rudes homens do mar, estupefatos, enlevados!...

Em 4 de junho de 1896, rezou-se, pela última vez, a Santa Missa, na igreja de Nossa Senhora da Conceição, na Prainha.

Foi a imagem conduzida para o Rosário.

(O Estado do Espírito Santo, 6/06/1896).

A 10 de outubro, iniciou-se a demolição.

36 A PEDRA DOS SETE PECADOS

Encontra-se em Iúna.

Dizem que as pessoas, em pecado, ficam presas, na fenda proveniente de um raio, enquanto as de alma pura atravessam-na incólumes.

Fendido, de alto a baixo, o monólito, como outras curiosidades, no Espírito Santo, tem sua lenda: — Certa vez, quando a região estava ainda coberta de mata virgem, desciam, de Minas, os Capitães-de-Entrada, seguidos de escravos, para a abertura de caminhos que permitissem o transporte de carnes, toicinho e outros produtos mineiros, para o litoral. Um avarento, dentre esses pioneiros, resolveu ocultar, na base da rocha, moedas de ouro, pepitas e algumas pedras preciosas; mas, receando que um escravo descobrisse o motivo do seu reiterado afastamento, sempre no mesmo ponto, meteu-lhe uma golinha e, numa corrente de alguns metros, o prendeu à cauda de sua montaria.

Acordado e exausto, porque o ferro não lhe permitia o repouso, à noite, o negro invoca a Santa Bárbara, que o socorresse, que o livrasse daquele senhor desumano. Era uma devoção divulgada, em Minas, desde que os lusitanos afluíram para a Zona do Casca, famosa como aurífera.

No tormento, o escravo rezava, confiante no poder de sua Protetora, quando se arma inesperada tormenta, ao passo que medo invisível lhe tira os ferros e o afasta do lugar.

Súbito, um raio, caindo no rochedo, parte-o, de alto a baixo, e soterra a fortuna acumulada, na sua base!

Aturdido, o avarento corre, em busca do seu tesouro. Procura transpor a brecha, ainda ardente. E. .. desaparece, no abismo!...

Conserva-se, por isso, a lenda de que as pessoas, em pecado, jamais poderão atravessar a brecha singular.

O Oficial de Milícias Inácio Pereira Duarte Carneiro não havia ainda rasgado a estrada para a Capitania de Minas Gerais, — a famosa Estrada do Rubim, depois, São Pedro de Alcântara. Aventuravam-se apenas os colonizadores a algumas entradas, para a descoberta de minas auríferas e pedras preciosas. Dirigiam-se, porém, quase todas, para o Castelo e o Rio Doce.

Findava o Século XVIII.

Fugido para os lados de Taquari, um escravo chamado André chegou ao sertão, posteriormente denominado Santo Agostinho, certo de alcançar um dos numerosos quilombos, que se multiplicavam, até o Timbui. Andou... Andou...Exausto, adormeceu, recostado a uma grande laje. Despertou, a guarda atenta de um velho índio, que parecia estranhar-lhe a cor e a figura, diversas de um branco. Não ‘trazia arma de fogo, para atacar sua tribo.

— Seria um habitante da selva, talvez, “parente do macaco”?

Possuía apenas um espelho, que lhe causou admiração.

Sorriram simultaneamente. Eram de paz. Confrades no sofrimento: — um, perseguido, no próprio domínio; outro, escravizado, a vontade dos prepotentes, que o arrancaram da sua terra distante! Sim, a dor, na fraternidade das almas, incutia-lhes instintiva revelação de suas vidas, independente da expansão verbal. Justifica-se por que se entenderam, pelo simples olhar. Passaram, depois, a mimica.

Ardiloso, com a prestidigitação do espelho, André conquistou, logo, a simpatia do aimoré. Colheu notícia de que sua tribo vivia num lugar bonito, cercado de matas, e onde existia uma “poeira cor do Sol”, distribuída aos jovens, pelo morubixaba, a fim de que a espargissem nos cabelos de suas noivas, na festa nupcial. Retirava-se,

— explicou-lhe, desde os seus avós, de um lugar onde a tribo erguera sua taba, — uma grande campina.

“Tal notícia interessou ao escravo, perito bateador, nas minas do Caieté, antes que um comboieiro o vendesse, numa descida para o Espírito Santo. Por isso, sempre jeitoso, concordou em ficar e acompanhar o novo amigo, até o reduto silvícola, sob o juramento de ali permanecer.

Eram magníficas as matas, que margeavam o rio Santa Maria da Vitória, e não menos soberbas as de Santo Agostinho, que foram varadas pelo escravo, de olhos vendados, até a entrada num verdadeiro Éden: — extensa planície, na moldura esmeraldina e bela da floresta virgem, densa e opulenta. Haviam, ali, os índios, erguido suas ocas, em volta de um fosso coberto de rede marchetada de pedrarias e pepitas. Brilhava, quando refletia o luar; reluzia, aos esplendores do Sol. Apresentado ao murubixaba, foi o escravo devidamente iniciado, nos hábitos da tribo. Gostou, a princípio, da vida, na selva; aprendeu a moquear a caça; pescar, à mão; defender-se do guarapu e das serpentes. Assim, passou muitas luas. Aspirava sempre conhecer o segredo da Campina. Já preparava as setas e manejava o arco. Finalmente, conseguiu o seu objetivo: — “Rio de Tupã, entrado na Terra”, explicou-lhe o pajé. E contou-lhe, então, que, certo dia, o fogo do Céu (o raio), caído na mata, incendiou-a. Abriu-lhe extensa clareira, que os índios limpavam e, com o decorrer do tempo, cobriu-se de vegetação rasteira. Uma rocha pontiaguda foi o lugar atingido pela centelha. Fendeu-se estrondosamente, em vários fragmentos, cujo interior brilhava, como “poeira do Sol”. Removeram os blocos e encontraram, na base, um fósso que “tragava a chuva”. Escavaram-lhe as bordas e retiraram bolinhas brilhantes (pepitas). Moeram-nas e conseguiram a poeira linda, para os cabelos das noivas. Resolveram, por isso, cobrir o lugar, de modo que não fosse “profanado” pelos animais. E concluiu, incisivo: “Qualquer da tribo, que revelar ao homem branco a existência do lugar, será torturado e morto; entregue ao fogo do Céu, sobre um penedo, em lugar ermo... Bem distante!

A Campina era o seu paraíso!

Estarrecido, André ouviu a tremenda ameaça. E, após invernos, em conta já perdida, aprendeu a orientar-se pelo Sol, e planejou safar-se daquele segundo cativeiro. Saturado estava da monotonia de uma vida quase inativa, constante alimentação de caça, frutos silvestres, raízes e mel. Ensinou as mulheres a plantar e moer o milho; fazer angu, para o desjejum matinal. Repugnavam-lhe, porém, a carne, o peixe e outros alimentos completamente insossos.

Emagrecia.

Fome!...

Compreendeu, finalmente, a realidade: — melhor, de certo, o estomago nutrido que a liberdade, sem sal e sem o café quentinho, de manhã. Além disso, crescia a vigilância dos índios, quanto às suas mulheres. Percebia o escravo que, mesmo entre os silvícolas, existia o preconceito contra a raça infeliz. Jamais, portanto, conseguiria uma esposa e o carinho de um filho, nas horas interminas da solidão.

Aconteceu, nesse interim, que a primogênita do morubixaba adoecesse, presa de “tremedeira”, na linguagem do tempo. Folhas medicinais foram aquecidas e aplicadas na sua testa; Chás, sangria, com a ponta de Sumaré; coberta de areia quente e outros recursos da medicina indígena, tudo estava falhando.

André observou que se lhe apresentava a suspirada oportunidade, para agir. Lembrou ao pajé que, na Vila, se encontrava uma casca milagrosa, para debelar a “tremedeira”. Poderia buscá-la, com a palavra de honra e o juramento a Tupã. Mandasse escoltá-lo, até a pedra, onde fora encontrado, porque ignorava o caminho e temia encontrar outros índios e animais bravios. Cumpria as sentinelas aguardá-lo, na mata, as ocultas dos brancos.

A visão de perder a filha estremecida, transido de dor, o morubixaba acatou a lembrança do negro. Despachou-o, com dois flecheiros devidamente equipados. Assim, precedido pelos guias, André foi mupicando, às ocultas, com o seu canivete. Teria, portanto, o roteiro da Campina do Ouro, e talvez a liberdade.

Na Vila, relatou sua odisseia. Imediatamente, circulou o boato que o promoveu a herói de uma aventura, fato que o libertou dos açoites, ferros e outros castigos reservados aos negros fugidos.

Sua demora, porém, inquietara os índios, que resolveram castigá-lo, enquanto os flecheiros se quedavam desconfiados, perante indícios de incursão de colonizadores, entre o sertão de Santo Agostinho e o Vale do Santa Maria da Vitória. Isso porque Duarte Carneiro, instruído pelo Governador Francisco Alberto Rubim, realizara os estudos preliminares da futura estrada.

Não resistiu a doente a força da febre. Sucumbiu, antes que o negro voltasse, com o remédio, a casca de quina moída, usada pelos escravos, contra as terças e quartãs. Então, a ordem do morubixaba, reuniu-se a comunidade, para os funerais e o devido castigo ao homem-macaco. Envolta em rede polvilhada de ouro; coberta de flores agrestes e penas finíssimas e belas, foi a jovem sepultada, com todos os seus pertences, na base da montanha, que ocultava a Campina do Ouro, da trilha observada pelos guardas de André, — o traçado da estrada, que seria decantada pelos brancos e detestada pelos índios. Um ranchinho assinalava a campa. E, diariamente, durante muitas luas, a tribo ali depositava alimentos, certamente, saboreados à noite, pelos animais.

E André?

Mal se aproximara da pedra, caiu, varado de flechas. Arrastado a penedia fatídica, antes de expirar, viu, ao longe a Campina do Ouro, cujo roteiro, levemente, divulgara, na Vila da Vitória, para safar-se dos Capitães-do-Mato. Lá, foi entregue ao raio, — o fogo do Céu, para os índios.

Jamais, entretanto, a Campina do Ouro pode ser explorada, pelos colonizadores, porque providenciaram, logo, os aimorés a cobertura e o disfarce do “Rio de Tupã entrado na Terra”, Transportaram saibros e barro, que ali depositaram. Com o tempo, desenvolveram-se algumas árvores, no lugar, e um vigoroso ipê coroou de flores doiradas o ponto privilegiado, pela existência da “poeira do Sol”.

Em “A Província do Espírito Santo”, diz Basílio Daemon que, a 19 de agosto de 1812, — chegou à Capitania do Espírito Santo uma divisão de Tropa de Linha, mandada pelo Conde de Palmas, instruída em seguir para o Oeste. Descobriu, entre soberbas matas, uma grande planície, que os antigos denominavam Campina do Ouro, segundo tradições existentes. Regressou, com amostras de ouro e pedras preciosas. Dessa Campina do Ouro consta ter havido um antigo roteiro, que descrevia o lugar, no sopé de uma montanha aurífera, na mata que separava a Estrada de São Pedro de Alcântara da de Santa Teresa. Com a colonização e o descaso pelas tradições, desapareceram o roteiro e a Campina. Resta-nos a lenda, que nos transporta à beleza e à poesia do Passado.

38 COMO SAO PEDRO APRENDEU A PESCAR

Contou-nos certo pescador da Praia do Suá que São Pedro e seus companheiros de ofício lutavam sempre com a falta de peixes. Sentiam-se infelizes, no seu trabalho.

Um dia, antes ainda de iniciar a pregação da Boa Nova, Jesus passava incógnito pelo grupo e, penalizado, ante o desânimo dos pobres homens, se lhes acercou e disse:

— “Faltam-lhes peixes, porque não sabem pescar. Espantam-nos, redando para o mar. Joga-se a rede, do mar para a terra e não, da terra para o mar”.

Seguiram o conselho do Senhor e a pesca foi maravilhosa.

Disse, então, São Pedro aos seus companheiros:

— “Que daremos a esse homem, que nos ensinou a pescar?”

Consultado, Jesus respondeu-lhes:

— “Se apanharem dez peixes, devem-me dar um peixe, isto é, o dízimo. E assim, por diante, na mesma proporção.”

Aprendeu se desse modo a ser dividido o peixe entre os pescadores. Mais tarde, passou a ser o quinto.

São Pedro, contudo, era interesseiro e começou a contar os peixes, separando os menores, para Jesus.

Nesse momento, aproximou-se do grupo um lavrador, que levava a lenha, para o seu ranchinho. Ofereceu-a, para que o Mestre assasse os peixes.

Jesus armou a fogueira e queimou o seu dízimo. A fumaça foi para o céu e Jesus exclamou:

— “Nobre lavrador e vil pescador.”

Por isso, é que todo pescador é esperto e sovina.

Dentre as paisagens mais interessantes e belas, que se deparam ao viajante, nas excursões ao interior do Espírito Santo, distingue-se, de par com o “Frade e Freira”, no Município de Cachoeiro de Itapemirim, uma privilegiada pela majestade do Pico do Pinhal, na rodovia que, desse mesmo município, vai à Cidade de Alegre.

Dizem os contadores de histórias locais ser a montanha encantada ou, melhor, encerrar o mistério de uma deusa branca, venerada, em épocas remotas, pelos indígenas da região. Trata-se, porém, de uma lenda relacionada com os primeiros tempos do Brasil revelado ao mundo, pelos navegadores lusitanos. Eis o que apuramos, do relato de velhos capixabas — “Foi nas primeiras explorações da Costa do Brasil, quando se plantaram diversos marcos, ou sinais, que atestariam aos futuros colonizadores a passagem dos emissários de El-Rei, no reconhecimento da Terra de Santa Cruz. Gonçalo Coelho, por exemplo, em 1501-2, percorreu o litoral; Cristóvão Jacques, em 1503.

(No estudo exaustivo dessas viagens, o Sr. Basílio Daemon conclui que as terras, posteriormente, delimitadas para a Capitania do Espírito Santo foram descobertas, ou assinaladas, entre 4 e 8 de junho de 1504).

Vejamos a lenda; — Certa vez, na reincidência dessas expedições exploradoras do litoral, o comandante de uma nau descobriu, a bordo, uma linda mulher, que um marujo apaixonado escondera, para acompanhá-lo, na viagem à nova terra, onde formariam um novo lar, na plenitude da selva rica e bela. O amor vencera o preceito contrário a mulheres a bordo, nas viagens aventureosas daquele tempo.

Estavam na altura da praia depois conhecida por Itapemirim, quando um vendaval arrastou a embarcação até encalhar-se. Mas, serenada a procela, o comandante logo decidiu: — “A mulher fica em terra”.

Ordem era ordem.

Alanceado, o marujo aguarda que se levantem os ferros e o barco reinicie a derrota. Joga-se ao mar, em fortes braçadas; alcança a praia, onde encontra o seu amor alçado, ao trono de uma deusa, num tapete de flores silvestres, cercada de índios ricamente ataviados, que, genuflexos, lhe oferecem os melhores frutos da terra.

Descoberto o marujo, aprisionaram-no, para o festim vingativo de haver penetrado no seu domínio. A mulher, não. Loura e bela, de cabeleira farta e longa, “viera do mar”. Tinha os cabelos “cor da Lua”. MUNHAC!

Constituíam, aliás, uma lei da tribo a guarda das mulheres e o devido respeito. Somente os homens seriam sacrificados. E, segundo essa norma, estava o marujo com o destino sentenciado, em homenagem a MUNHAC, que, na interpretação do silvícola, nascera da aliança da Lua com o Mar, no horizonte distante.

Um quijeme especial foi levantado, com as melhores palmas, e uma rede, lindamente ornamentada, armou-se, para MUNHAC, a deusa atendida sempre pelas mulheres mais inteligentes e hábeis dos goitacás. Lindas cerâmicas encerravam o mel e os frutos, para o desjejum e a ceia, enquanto o peixe e a caça recebiam especial condimento. Assim, aos poucos, a mulher branca ensinava as suas camareiras a arte culinária, pequena agricultura e outras atividades, que lhe amenizavam a solidão. E assimilava os costumes da tribo. Inteirava-se da topografia do lugar, com o pensamento único de...fugir..., alcançar uma embarcação. Entretanto, passaram-se meses. MUNHAC perdeu a noção do tempo. Suas vestes se acabaram. Teve de seguir a moda indígena: cobrir-se de penas; tecer, com finas embiras e fibras sedosas, a tanga e o corpete. Introduziu a tecelagem, na tribo.

Chegou a festa de Tupã. Seria o sacrifício de todos os prisioneiros feitos numa disputa com os puris, que desceriam do interior. Feriu-se o combate. No furor da luta, enquanto a atenção geral se concentrava nos combatentes, o chefe puri, enamorado da beleza

de MUNHAC, arrebatada, no quijeme, e leva-a para longe; oculta-a numa gruta, cercada de buganvílias, na base de um monte. E ninguém presenciou a passagem romântica, porque o herói regressou logo, calmo e feliz. MUNHAC, entretanto, safou-se da gruta, apavorada pelos silvos das serpentes e vozes de outros animais. Vagou... Orientada pelo giro do Sol, embrenhou-se, até alcançar a maravilha de um alcantil, onde floriam ipês e buganvílias.

Felizes e amigos, dois guerreiros puris, numa tarde de estio, saíram, para uma caçada. Dirigiram-se a um sítio preferido pelos animais cobiçados, tanto pelo tamanho quanto pelo valor da carne. Trocavam ideias, despreocupados, quando um deles chamado Cat se deteve, perplexo, ao divisar o monte que, no povoamento da região, seria denominado Pico do Pinhal. Impressionante visão abalou-o tanto que perdera os sentidos e caíra ao chão. Socorrido pelo companheiro, relatou-lhe o seguinte: — Envolta em cabeleira basta e loura, do alto do monte, uma linda mulher acenara-lhe, como a pedir socorro. Desaparecera, entretanto, na mata, de modo que os caçadores tomaram o caso tal visão passageira. Pensaram, mesmo, em segredo de Tupã que deviam respeitar, a fim de que se desviasse algum castigo do Alto, como, por exemplo, o tremor

da montanha, que arrasasse o vale. Seria, talvez, uma bela miragem!...Uma sublime ilusão!...

O fato, porém, repetiu-se.

Outra vez, ao entardecer, a bela mulher os surpreendeu, já na encosta. Apresentava-se de olhar pungente, tez lívida. Contou-lhes sua odisseia, desde o abandono pelos seus patrícios lusitanos. E, à medida que findava o seu relato, mais o seu rosto empalidecia e se lhe esgotavam as forças. Expirou, amparada pelos silvícolas, que transportaram o cadáver para o cimo, — “bem perto do céu”.

Cobriram a sepultura com flores e ervas aromáticas. Fincaram um marco forte, a fim de que todos venerassem o sagrado jazigo de uma deusa branca, de maravilhosa beleza, cujo segredo a tribo deveria guardar, no maior respeito. Jamais, ali, penetrou um arco, em excursão

venatória, porque, desde então, mesmo o pio da coruja, o refrenir da cigarra e outras vozes agrestes se afiguravam aos índios, como sinais de Tupã, na vigilância daquela terra predestinada “para o túmulo de uma deusa filha da Lua e do Mar”, que todos deviam adorar.

Mais uma lenda, que difunde poesia e enaltece o passado, entre tantas outras que vamos encontrando, na Terra Capixaba.

Na sinuosa curva do Litoral distante, aparece, ao norte de Conceição da Barra, a Praia de Guaxindiba, extenso lençol de areia, beijado, a leste, pelo Atlântico, e bordado, no cômodo, de vegetação rasteira. Forma, na fímbria alvacentas, uma orla verde-escura, serpenteante, pelo litoral em fora.

Local admirável!

Infunde um infinito de atração, ao olhar que a devassa; graciosamente soltas, descuidosamente esparsas, as mimosas conchinhas bivalves, estriadas, espiraladas, ebúrneas etc. marchetam a esteira ampla da costa.

Apolo doira-lhe do seu áureo carro, quando nascente, e resalta um oásis, que a imaginação matiza, com as miragens da ilusão. Depois, do zênite descem ígneos e tremeluzentes os estos, em ziguezagues: formam espirais, num quadro forte e singular.

Na predisposição do nosso pensamento, no estado apreensivo do espírito ou na visão da nossa alma, aparecem, além, figuras, panoramas e cenas que, de longe, se nos afiguram belas e, às vezes, trágicas!

Primaveril, ou verânica, bafejada pela brisa do nordeste, à tarde, Guaxindiba é linda, linda, sonhadora, cheia de mistérios!...

O viajante, que percorre o sítio de Itaunas, procura, certamente, visitar a gruta maravilhosa, porque, além de admirável, apresenta-se-lhe como acervo de raridades interessantes e preciosas.

Sornbreada de gigantes e frondosas árvores, engasta-se na base de íngreme encosta, que apresenta largo e tosco pórtico, para o ingresso no seu recinto, extensa galeria onde correm, entre estalagmites, fios gélidos de água puríssima.

Do teto úmido, pendem estalactites brilhantes. Encontra-se, adiante, uma sala rústica e ampla, em cujas paredes estão caracteres e esculturas, talvez, milenares.

Existem, além, outros compartimentos inexplorados, ainda, em consequência da rarefação do ar e intensa escuridão. Ouve-se, daí, um murmúrio semelhante ao cachoar de uma queda longínqua. Dir-se-iam doridos queixumes, perdidos nas noites do Tempo.

Empecilhos à exploração da gruta são a falta de acessórios próprios e o receio de répteis e insetos venenosos. Entretanto, pensamos; — quantas cenas, festas e sentenças, quantos conselhos não foram dados naquele rústico lar, entre as tribos aborígenes, através dos tempos?

Dizem que foi residência dos pajés.

Denominaram-na: — gruta maravilhosa.

Tempos remotos.

Cuidadasas, as tribos nômades dos aimorés velavam constantemente sobre o que diziam a vinda dos homens brancos. Em todo o seu domínio, corria a notícia de que Itaunas, o jovem guerreiro valente e audaz, havia três luas, avistara além, no Grande Rio, velas pandas de naus lusitanas, asas brancas de grandes aves, em demanda da terra, o que, na alma rude do íncola despertara apreensões e planos de revide. Por isso, intenso era o preparativo, para uma batalha próxima e temerosa.

Na azafama dos guerreiros hábeis, na previsão dos velhos adivinhos dos tempos idos, de par com a gloria de seus maiores, vencedores, nunca vencidos, demonstrava-se, em tudo, o desejo de castigar o hóspede importuno, que ousava transpor os umbrais da sua pátria. Mogas ativas teciam canitares de penas tricolores, ao passo que as velhas fiavam os verde-amarelos fios de tucum, para as cordas fortes dos grandes arcos, até que, ao longe, na amplidão imensa da floresta ressoasse o canto delicioso do sabiá, despedindo-se do Astro-Rei,

Sentada numa rede de fibras sedosas, estava uma formosa brasileira, jovem e morena. Seus longos cabelos negros desciam, em madeixas bastas, pelo colo desnudo, onde brilhavam a riqueza das pedras num colar que herdara dos seus avós. Corpo esbelto e feições

simpáticas formavam-lhe um conjunto de graça feminina. Tinha, nos lábios, o tom nacarado da flor de maracujá e, no sorriso angélico, o delicioso mel do urucu. Filha do pajé, aparentava dezoito anos de idade e chamava-se Guaxindiba. Era noiva de Itaunas, o jovem e audaz guerreiro.

Partira a expedição.

Dez vezes, o Sol beijara a terra de Cajubi, onde as mulheres rogavam a Tupã pela volta gloriosa dos seus homens queridos, esperançosas, no convívio das crianças e dos velhos combatentes, quando foram surpreendidas, com a chegada de Angelim, o guerreiro negro do Cricaré, que, ciente da ausência dos guerreiros de Cajubi, viera, com os seus, raptar Guaxindiba.

Debalde foram seus rogos e pedidos. E parece que a própria natureza se associou ao sofrimento da virgem íncola, porque vieram a chuva e o frio do inverno, de par com granizo, romper as frondes enormes e cair, rasgando as folhas da floresta opulenta. E, assim foi Guaxindiba!...

Uma tarde...

Iludindo a infame vigilância dos seus algozes, Guaxindiba conseguiu evadir-se.

Ágil, fugiu célere pela floresta, em busca do mar, onde julgava encontrar a expedição dos seus coirmãos. Aproximava-se do litoral, quando pressentiu a perseguição do nefando inimigo, ao seu encalço.

Desalentada, semilouca, lançou-se ao oceano! Perdeu--se, na fúria das ondas, em maré de plenilúnio. Preferia lutar com a morte, a trair a fé jurada ao noivo querido!...

Malograda, a expedição, Veio encontrar o desanimo, a dor, a morte, na Gruta do Pajé. Mas, indômito, Itaúnas procurou, logo, na floresta, os rastros do seu cruel inimigo, até que, exausto e triste, soube do inditoso fim da sua prometida! E a brisa levou os gemidos e os brados de vingança do seu coração dolorido, até que, um dia, entre o

granito das rochas de um elevado cume, recurvado sobre o velho arco, pranteou sua amargura. Chorou, chorou tanto que se afogou no seu próprio pranto! E, de suas lágrimas, formou-se um rio que, serpenteante pela encosta, veio, murmuroso, pela floresta, em busca do mar.

Angelim, ao ver o cadáver de sua vítima inocente, chorou, de dor e remorso. E, transpassando o coração com uma aguda seta, morreu arrependido. De suas lágrimas, resultou igualmente um rio, pequeno e negro, que vem, súplice, lançar-se nas águas do Itaúnas. Descem, unidos os seus cursos, até o Atlântica, em que ambos, irmanados, beijam a praia, onde se finou a virgem dos seus amores!...

E, assim, na curva sinuosa do litoral distante, aparece, ao norte de Conceição da Barra, a Praia de Guaxindiba!

Esta lenda foi colhida, pelo Sr. Manuel Cunha, em Conceição da Barra, e a nos oferecida pela Prof. Glorinha Cunha.

Dentre os sítios notáveis, pelos predicados de beleza, salubridade e demais atrativos turísticos, no Espírito Santo, figura a Praia de Marataízes, ao sul do Itapemirim. Tem o seu calendário rico, em tradições, como, por exemplo, a Festa das Canoas, e a poesia da lenda. Surge, assim, mais encantadora aos que a procuram, desejosos de apreciá-la, em todas as minúcias.

Domínio antigo dos goitacás, Marataízes guarda, na pureza das suas areias, nos seus cômodos, na beleza do céu, no murmúrio das vagas, sua história e suas reminiscências; história do encontro dos colonizadores com o silvícola cioso da guarda de sua terra querida; reminiscências suaves. Ou trágicas, do amor de suas nativas, dos seus guerreiros, dos lares primitivos, que se formaram, naquela faixa sulina da Terra Capixaba.

Marataízes desponta, assim, gradativamente povoada, entre as lindas praias do Espírito Santo, com o próprio nome envolto na poesia de uma lenda, que recolhemos, para esta preciosa coletânea.

Na tribo dominante do lugar, distinguia-se, entre as jovens fortes e belas, Luna privilegiada, pela finura dos tragos e suavidade rara da voz. Cantava, à tarde, ao compasso das ondas, para que todos, reunidos, gozassem a delícia do repouso espiritual. Era filha do pajé e noiva de valoroso flecheiro. Chamava-se Isis.

Desceram mineiros e fluminenses, interessados em abrir caminhos, para o comércio com o litoral; alguns em busca de terras auríferas, que explorassem. Atacados pelos índios puris, no Castelo, chegaram muitos ao Tapumirim, ou Itapemirim. Encontraram, porém, já vestígios de passagem de viajantes e aventureiros que, dos Baixos de Pargos, subiam, pelo extenso litoral.

Aqui e ali, como aliás no Brasil inteiro, sentia-se o branco atraído pela beleza nativa. Por isso, a voz, a delicadeza e demais encantos

da jovem goitacá impressionaram um viajante que tentara alcançar a Barra do Itapemirim e cairá prisioneiro dos silvícolas. Mediante colares e espelhos, canivetes e outros presentes, levados sempre pelos brancos, nas viagens, para agradar os nativos, conseguira salvar-se da morte. Procurou acomodar-se, até que lhe surgisse uma salvação, — oportunidade para fugir, por exemplo. E sentiu-se, finalmente preso aos encantos de Isis. Esquecera-se, mesmo, da sua condição de civilizado, de seus planos comerciais e estabelecimento confortável. Talvez até considerasse melhor o amor puro de uma jucnãm que a opulência do ouro, na luta contra as ambições do mundo instruído.

Isis, porém, fiel à promessa dos esponsais, com o flecheiro goitacá, resistiu ao cortejo do prisioneiro que, revoltado, desvairado, no seu amor, se aproveitou de certa hora descuidada, para cravar-lhe, impiedoso, o punhal, no coração. E, logo, tomou uma igara e desapareceu, rumo algum abrigo, no Itapemirim.

À tarde, quando, para a melodia do repouso, a tribo se reuniu, notou-lhe a ausência e chorou, com amargura, a morte de sua princesa!... Ali mesmo, na praia, que tanto amava, Isis foi sepultada, enquanto seus comunitários entoavam cânticos fúnebres, que o mar levava, para longe, muito longe!....

E dizem que, à noite, um vulto esguio, de cabelos ao vento e mãos cruzadas ao peito, errava, na praia, como a cantar, a surdina, sua dor, numa espécie de onomatopeia:

— “Mar-ata-Isis”, que, posteriormente o povo interpretou como perene acusação. E o mar, com os beijos de suas vagas, foi esculpindo, no contorno gracioso da praia, o porte inesquecível da princesa goitacá.

Desenvolveu-se o povoamento.

Foram-se os Goitacazes, batidos para o interior, onde se acabaram presas da nostalgia do mar, do litoral, do vulto esguio e belo que, ao cair da noite, evocava ainda uma tragédia de amor! Deixaram, porém, no lugar, um nome sugestivo, que lhe reforça a beleza, de par com outros valiosos predcados: Marataízes.

42 A CRUZ-DO-CAMPO, EM VILA VELHA

A lenda histórica da Cruz-do-Campo, relaciona-se com a derreadeira viagem de Anchieta, de Reritiba a Vitória. Viera de canoa e devia assumir a direção da Casa Colegial, enquanto não chegasse o Superior Pe. Pedro Soares. Tivera a Companhia do Pe. Jerônimo Rodrigues, até Guarapari. Na altura de Vila Velha, porém, ao passar diante de uma pedra, sobre a qual se erguia uma Cruz, num mágico de alvenaria, seu pedestal, teve a surpresa de encontrar-se com outro viajante, o seu compadre e amigo Manuel de Vide, que se dirigia, em sentido contrário, para Reritiba.

A Cruz assinalava o aparecimento de dois cadáveres, naquele ponto. Manuel de Vide era proprietário do sítio denominado Campo de Piratininga, vendido, posteriormente ao Convento da Penha, pela quantia de 5\$5000, negócio feito pela viúva de Vide.

Encontro de compadres tem sempre conversa. Entretiveram-se, por isso, com as notícias e, na despedida, ponderou Anchieta que, no mesmo local, se reuniriam, de novo, dentro de pouco tempo; mas, em silêncio. De Vide, porém, jamais poderia supor que, decorridos apenas alguns meses, ali encontraria, de fato, um cortejo imenso e fúnebre, que transportava inânime, o corpo do seu querido compadre, para ser inumado, em Vitória. Conta-se que desejou, com insistência, inteirar-se da realidade cruel; por isso, foi-lhe permitido abrir o ataúde. E a Cruz-do-Campo, lugar bem conhecido, em Vila Velha, ficou, assim, na História e na Lenda, relacionado com a vida exuberante e bela de Anchieta, no Espírito Santo.

43 O JUDEU PESCADOR (OU A LENDA DE BRÁS GOMES)

Existia na igreja da venerável Ordem Terceira da Penitência, na Cidade da Vitória, uma antiga imagem de Jesus Crucificado. Saía, em procissão, quando o povo percorria os Passos, dispostos nas ruas, para a Via Sacra.

Tratava-se de uma relíquia lendária, muito venerada. E, segundo a voz Corrente, pertencera a Brás Gomes, um pescador, que viera de Portugal, com duas irmãs. Inteligente e ativo, conhecia os melhores pontos de pesca, na Costa do Espírito Santo, e o melhor tempo de redar, o que lhe facultava ótimo resultado, no seu trabalho. Sua banca era suficiente, para o abastecimento da Vila.

Assim, laborioso e honesto, reuniu economias; edificou duas casas de pedra e cal, cobertas de telhas, na Rua da Praia. Representavam exceção, entre as cobertas de palha dos seus companheiros, que, invejosos do seu progresso, o denunciaram as autoridades, como herege.

Por quê?

Brás Gomes, o pescador, mandara buscar um grande Crucifixo, da Bahia, mas, desejoso de preparar-lhe um oratório, ou lugar adequado, conservava-o numa caixa de madeira, que lhe servia de banco, em sua casa. Foi o pretexto, para a denúncia: — Sentava-se numa caixa onde estava guardada a imagem de Cristo! Tinha pacto com o demônio! _ .. (Por isso, era feliz, na pescaria....)

O pescador, entretanto, era religioso. Aos sábados, frequentava a Ladainha, rezada no oratório de suas irmãs, que residiam, numa casa modesta, na Cidade Alta, junto a matriz.

Recebeu ordem de seguir para a Europa, com dois filhos — José e Cecília, enquanto duas outras filhas, levadas para a Pedra d'Água, no Continente, foram, dali, para Campos, sofrendo privações e provações, porque todos temiam socorrê-las e abrigá-las. Eram excomungadas!

Ao aproximar-se da Espanha o veleiro, em que os três viajavam, sofreu as consequências de um tufão que o atirou a Gibraltar, onde um barco mourisco o aprisionou, e rebocou a Marrocos.

Cecília foi, então, vendida a uns eunucos e conduzida ao harém do Sultão, ao passo que Brás e José, não encontrando senhor, foram para a feira.

Logo, a beleza da jovem capixaba impressionou o Soberano que empregou todos os recursos, para conquistar-lhe a afeição. Mas, a virtude prevaleceu ao poder e Cecília, desse modo, conquistou a simpatia da Sultana, cujo intermédio lhe alcançou a colocação de Brás Gomes, como jardineiro do Palácio, e a promessa de um bom lugar, para José.

Desiludido, em suas tentativas de contá-la entre as suas odaliscas, o Sultão determinou que a vendessem. Passou, assim, Cecília para o cativo de Majedib, — o Estribeiro-Mor do Palácio.

Nova paixão sua virtude e sua beleza despertaram e Majedib tudo envidou para desposá-la, contanto que Cecilia abjurasse ao Cristianismo. Assim, viu-se a jovem cristã, em nova luta, agravada, agora, com o amor que já devotava ao Estribeiro-Mor, moço e belo. Mas, nessa dolorosa circunstância, um fato sucedeu, para amenizar o transe. Majedib adoecce gravemente. Seus médicos, desiludidos, o abandonam. A escrava, porém, sabendo-o perdido, já desfalecido, deita-lhe água fria no rosto, enquanto reza fervorosamente.

Reanima-se o doente, aos cuidados de Cecília e concorda em instruir-se na sua religião.

Chamado ao Palácio, José passou a ocupar o cargo de jardineiro, porque Brás Gomes havia falecido.

Aconteceu, porém, que, uma tarde, quando, ao som da guitarra, Majedib recitava seus versos, na alameda sombria do parque, divisou Cecília e José, em afetuoso colóquio.

Preso de ciúmes e, ignorando que fossem irmãos, recrimina-a rigorosamente, embora diante das devidas explicações. E or-

dena a José que, sob pena de morte, obrigasse a irmã a abraçar as leis do Alcorão.

Outra surpresa, entretanto, acontece, para resolver a nova situação, dolorosa, porque a Espanha ameaça apoderar-se de Tanger e o Sultão manda Majedib ao Egito, a fim de fazer provisões de tropas e cavalos.

Cecília vai, separada do irmão. Julga, assim, o escudeiro vencer-lhe a resistência, durante a viagem e, em caso contrário, vendê-la, no Cairo. Mas, a Providência Divina, outra vez, dispõe os acontecimentos, para o triunfo da jovem cristã. Na viagem, uma tempestade arroja o navio mourisco ao sul da França. Daí, à mercê dos ventos, vai o barco encalhar perto de uma ilha italiana. Cecília salva-se, a nado, e nadando sempre, salva igualmente, o jovem e belo Escudeiro, que se debatia, quase afogado. Entrega-se às autoridades, como refém, até que, de Marrocos, cheguem dinheiro e escravos cristãos, para o resgate do árabe.

Vencido, pela dedicação, virtude e prova de amor de Cecília, Majedib converte-se ao Cristianismo. Casa-se, em Sassari, com a bênção do Arcebispo.

José regressou para a companhia do casal. E o Crucifixo, em Vitória, conservou-se como relíquia histórica e lendária. Atualmente, encontra-se no Museu de Arte Religiosa, no antigo templo de Santa Luzia.

Um dos afluentes do rio Doce, o “São José”, tem o seu curso envolto em névoa lendária, que nos recorda os tempos idos da escravidão, quando exploradores de minas auríferas e madeireiros audazes, que levavam negros acorrentados, visavam a descobri-las, naquelas paragens.

Dizem que existe um encantamento, em suas margens, ou no seu próprio leito. Começa a manifestar-se, ao anoitecer, quando as juritis e outras aves demandam seus ninhos, reluzem os pirilampos e a jiquitiranabeia acende seus mágicos faróis. Atinge o máximo, À meia-noite: aumenta o rumor, na confusão de fortes remadas, gritos, súplicas, reprimendas ..., como se houvesse, nalgum barco, o mistério de castigos e degredados, ou vingança, entre escravos e senhores. E tal é o poder da imaginação, nos que se deixam empolgar pelas narrativas locais sobre os chamados Remadores Noturnos, que os novatos, no lugar, ou passageiros, em suas margens, se sentem presas de alucinação ou desvario, como se ouvissem a respiração ofegante dos oprimidos, num barco, o percutir forte das remadas etc. Açoites! Gemidos!... e o narrador informa, então, que, numa das entradas históricas dos exploradores do solo espírito-santense, poderoso senhor conservava alguns escravos algemados, ao relento, no tombadilho do seu barco. Aos clamores e às súplicas dos africanos cativos, respondia, com reprimendas e chicotadas, até que, na fúria do castigo, na revolta do branco, perante a reação do oprimido, a distração do comando levou o barco a chocar-se com uma rocha submersa.

Afundou-se, para sempre. Deixou, naquelas águas, apenas a peregrina gravação de vozes elevadas pelo sofrimento, que a bênção do Céu vem amenizar, com a réstia do luar e o beijo luminoso das estrelas.

À medida, por isso, que a noite avança, os astros cintilam e a Lua espraia o seu clarão, na tranquilidade imponente do rio, viu-se acalmando os lamentos, dissipa-se o encanto, quietam-se as aves, re-

pousam os animais, em suas tocas!... Pode, então, o homem, apreciar o firmamento espelhado, na torrente misteriosa do “Rio São José», porque toda a Natureza é Paz, na magnificência do Belo.

45 A CRUZ DAS ALMAS OU DE SANTO ANTONIO

Era costume antigo firmar-se uma Cruz, — um Cruzeiro, dizia-se, — nos lugares em que houvesse ocorrido algum fato impressionante, doloroso ou trágico: — morte súbita de algum viajante, desastre fatal, homicídio, visões sobrenaturais etc. E o transeunte, que divisasse o augusto sinal da Fé, descobria-se. Raramente omitia uma prece. Rezava, pelo repouso eterno do finado, ou para que Deus perdoasse a alma penada, responsável pela assombração.

As Cruzes indicavam igualmente pontos envoltos em mistérios ou lendas, como, por exemplo, a que existia na Fazenda Santo Antônio, hoje, bairro adiantado, na Cidade da Vitória. Indicava o sitio em que foi encontrado o cadáver de um padre muito respeitado, pelas suas virtudes, e que vinha celebrar a Santa Missa, na Cidade. Pessoas devotas ergueram, ali, numa pedra, uma Cruz substituída sempre quando arruinada pelo tempo. Situava-se o ponto à beira-mar, onde pela profundidade, chamava-se perau. Notabilizou-se, na imaginação popular, em consequência de acontecimentos diversos e trágicos: — morte de um barqueiro, de duas crianças, de uma senhora etc. E o povo considerava-o assombrado, porque, à noite ou pela madrugada, ao lado da Cruz, aparecia um vulto sentado; outras vezes, surgiam raios luminosos que, aliás, uma senhora viu, na aurora, quando apanhava água. E tudo passou a ser relacionado com a lenda: — “Certa vez, um padre, ali, jogara uma caixa de ferro, com objetos de ouro”. Evitava talvez o confisco de bens, em consequência da expulsão dos missionários jesuítas. E a lenda atraía sempre a atenção geral. Seu poder crescia, de modo que os remadores, principalmente os de Santa Leopoldina, atiravam na água moedas de cobre, — o Vintém daquele tempo, quando passavam diante da Cruz das Almas.

Nos jornais antigos, lemos notícias de romarias a Cruz das Almas. Assim, a três de maio de 1876, alguns estudantes mandaram preparar uma Cruz; enfeitaram-na, depois de benzida, na capela da

Santa Casa da Misericórdia, pelo Revmo. Pe. Bermudes de Oliveira. Transbordaram-na, com música e cânticos, até o lugar. Registra a imprensa que “a Banda de Música do São Francisco, ou Caramuru, acompanhou o préstito, sem moleques e negras”...

Escolheu-se o dia 3 de maio, porque dedicado à Exaltação da Santa Cruz. E tornou-se tradicional a romaria. A 3 de maio de 1836, por exemplo, os alunos da Escola Noturna da Maçonaria foram, com a Banda de Música, levar capelas de flores naturais, para a Cruz de Santo Antônio ou das Almas.

Parte desta lenda nos foi referida pelo Sr. Cassimiro Fonseca, residente em Santo Antônio, conhecedor das estórias locais.

Na estrada de Cachoeiro do Itapemirim para o Monte Líbano, existia e deve ajuda existir um trecho que, segundo os antigos moradores da Cachoeirinha, era encantado. Fronteiro a uma cachoeira, parecia ligado às rochas que, alinhadas até o Pau-Brasil detinham a Corrente do rio Itapemirim. À noite, — dizia-se, — os botos e as mães-d'água vinham repousar naquelas pedras, dormir, vigiados pelos vagalumes e noitibós.

Naquele ponto da estrada, uma pedreira coberta de gravatas e outras plantas rupícolas apresentava-se anfractuosa, em contraste com as lajes seguintes, algumas das quais afloradas ao caminho, escorregadio, em tempo chuvoso. Um perigo, para as tropas e os viajantes.

— Ninguém conserta isso, patrão!

— Por quê?

A sapiência do pai-velho, o tio, documento vivo da escravatura, relatava, então, a Estória de Custódio — Queria a riqueza. Tinha a ambição do ouro. Mandou até arrancar todos — os dentes e fazer uma dentadura de ouro. (Era, aliás, moda antiga, entre os senhores-de-engenho ricos.)

Custódio fez um trato com o demo: — dar-lhe-ia sua alma, em troca da riqueza, que lhe proporcionasse o fausto da vida, — palácio na cidade, conforto, viagens, fartura na mesa, roupas finas, festas, casamento luxuoso etc. Encontrar-se-iam, à meia-noite, naquele ponto da estrada, a guarda de uma três-marias, cujos espinhos afugentassem os animais perigosos. Trocariam treze sentenças.

Devoto de Nossa Senhora, Custódio trazia sempre num relicário de couro bordado, pequena medalha, presente de sua madrinha, no batismo. No bolso da calça, levou uma estampa de sua celestial Protetora.

Na hora aprazada, um vulto, notado pelo cintilar nas pontas dos chifres, nos olhos e nos dentes, foi-se aproximando. Cheirava a enxofre, sinal certo da presença diabólica.

Sorriu-lhe! Ergueu os braços e abriu desmesuradamente as garras. Avançou, medonho, horripilante: — “Agora, amigo, és meu”.

Aturdido, Custódio leva a mão ao bolo, Toca no emblema, oculto ao Príncipe das Trevas. Cai, desacordado, enquanto voz misteriosa responde:

— Custódio, sim. Teu amigo, não.

Ignorando a autoria do diálogo, o demônio prossegue:

— Das doze palavras, ditas e retomadas, qual é a primeira?

A voz: -A Gruta de Belém, onde Jesus nasceu para o nosso Bem.

Satanás: — A segunda?

A voz: — As Tábuas da Lei de Moisés, onde Jesus botou os sagrados pés.

Satanás: — A terceira?

A voz: — As três Pessoas da Trindade, que formam a Divindade.

Satanás: — A quarta?

A voz: — As quatro galalés bentas...

Satanás: — A quinta?

A voz: — As Cinco Chagas de Cristo...

Satanás: — A sexta?

A voz: — As seis bilhas bentas...

Satanás: — A sétima?

A voz: — As Sete Dores e Sete Alegrias de Nossa Senhora...

Satanás: — A oitava?

A voz: — Os Oito Coros de Anjos...

Satanás: — A nona?

A voz: — Os nove meses que Maria esperou o nascimento de seu Divino Filho.

Satanás: — A décima?

A cor: — Os Dez Mandamentos do Senhor.

Satanás: — A undécima?

A voz: — As Onze Mil Virgens.

Satanás: — A duodécima?

A voz: — Os Doze Apóstolos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Cansado já de verificar a “sapiência” do amigo, o demônio procurou resolver o caso: — BASTA!

A voz, porém, que dialogava, em lugar de Custódio, replicou-lhe:

— Tudo responde. Diga-me, agora, a décima-terceira?

Satanás: (Calou-se.)

A voz: — Treze raios tem o Sol; Treze raios tem a Lua; Arrebenta, Satanás, Esta alma não é tua.

E o Bicho estourou. Uma nuvem de enxofre tomou o ambiente, ao passo que, abalado pelo tremor da rocha, que se fendeu em vários pontos, Custódio acordou, beijou a estampa, amarrotada, em sua mão.

Estória colhida, em Cachoeiro do Itapemirim, em 1910.

Muitas são as esculturas naturais que o povo, na fertilidade de sua imaginação, enaltece, no primor das lendas, enquanto os poetas as decantam, em poemas e sonetos.

Neste livro, já nos referimos A Pedra dos Ovos, a O Frade e Freira, A Pedra do Oratório e outras curiosidades rupestres dispersas no Espírito Santo. Trataremos, nestas páginas finais, de um dos atrativos turísticos, situado no rico e famoso Município de Guarapari mundialmente conhecido pelo valor de suas praias belas e saudáveis: O Nadador de Pedra. Destaca-se, num curioso recife, entre a Praia das Conchas e a Pedra Siribeira, onde se construiu um Clube social, e é bem admirado, da Praia Areia Preta.

Conta-se que, em tempos idos, um jovem e robusto descendente dos goitacás, índios do litoral espírito-santense, ao cair da tarde, certa vez, regressava do seu labor piscatório, quando divisou, ao longe, uma sombra fugidia, — vulto misterioso, semelhança de mulher formosa, errante, sofrida, inquieta...

Logo, Pedro, o herói dessa aventura lendária, bateu, mais acelerado, os remos e dirigiu sua piroga para aquele ponto, evitado sempre, em vista dos perigosos recifes, à flor-d'água.

— Seria vertigem da fadiga, após o dia laborioso?

A formosa visão, entretanto, qual Vênus marmórea, translúcida, indiferente ao vaivém das ondas e ao frio da brisa, dirigiu-se às areias negras, certa da solidão, e como disposta a mergulhar-se no azul esmeraldino das águas.

Apaixonado, incontido, já, pulsa mais forte e célere o coração de Pedro. E, na sua mentalidade primitiva, avultam todos os mitos respeitados, temidos e adorados pelos seus pajés — janaina, iara, ipiranga, sereia, mãe-d'água, mara, botos..., com todos os sinônimos e toda a

confusão de seus predicados. E o caboclo treme!... Resoluto, porém, vence as ondas, alcança a praia, contempla a Lua, — sua Jaci, invoca-lhe o poder: — que lhe mande a bênção, para, que possa alcançar aquela mulher encantadora, singular, cujos passos, indeléveis na areia, pisavam seu coração apaixonado, cuja visão desaparecia, misteriosa, a ganstança, mas, se aprofundava em seus olhos deslumbra-os!...

E, durante a noite inteira, Pedro insistiu em seguir a, mulher misteriosa, na praia, nas rochas, no quebrar-se das ondas na Concha, no Siribeira, nas virtudes, até que, ao dealbar da aurora, já envolto na sua rede, exausto da luta noturna, ainda parece que sonha. Espera a visão magnífica!... indiferente a tudo o que o rodeia, não come, não trabalha, não dorme, com o olhar perdido no horizonte, como se esperasse a volta do seu repentino Amor. Do Sonho. Da Beleza. Da Ilusão!

Louco?

Assim passa o dia. Mas, ao Ocaso, quando o mar reflete as cores do crepúsculo, Pedro recupera-se da lassidão diurna, entra na sua canoa e, indômito, rema... rema, margeando as praias, esperançoso de encontrar a mulher dos seus sonhos! E dias e luas, o pescador persevera na batida, alheio ao compromisso de amor com a doce cunhã, que o estremece, e aguarda a festa nativa dos esponsais; alanceado, agora, porém, com o seu desprezo inexplicável.

E Pedro vê, novamente, o luar projetar-se na amplidão do oceano. vê Guarapari aquietar-se, ao murmúrio das vagas, na paz noturna e dulçurosa, enquanto cintilam as estrelas, reluzem os pirilampos, dormitam os pássaros e o Cruzeiro do Sul atrai-lhe o pensamento para o Infinito. Mas, no prosseguimento de sua busca, já alcançada novamente a rocha Siribeira, o pescador divisa o perfil deslumbrante.

— “Agora? Serás minha. Alcançar-te-ei. Tomar-te-ei nos meus braços!” E joga-se ao mar, na Loucura de atingir as Areias Pretas.

— Não, Pedro, sussurra-lhe uma voz. Já, em Meaípe, a sereia deixou o traço lítico das suas manobras feiticeiras”.

Qual! O amor é cego, perante a beleza. E ali estava um conjunto deslumbrante de forma e cor; uma figura de Milo, irisada pela projeção do plenilúnio. Jamais seus olhos, — pensou o pescador, — viram nem sua imaginação concebeu tal quadro esplendoroso. Não podia perdê-lo! E Pedro avança. Nada, vertiginoso, fascinado, certo de enlascar nos seus braços aquela mulher incomparável. Beijá-la. Adorá-la!

Ignorava, porém, ‘a vigilância de Jaci, a Lua, guardiã dos gênios aquáticos, à noite, quando vagueiam, livres dos aglomerados humanos. Querem a plenitude da Natureza.

Por isso, numa braçada mais vigorosa e certa, Pedro, recebe um jacto luminoso, fatal, que Janaina ordenara. Em Lua, em castigo a audácia do pescador, louco, dominado pelo prazer da aventura, que, de braço erguido, para o avanço final, se imobilizou, — petrificado. E a pedra lendária recorda aos banhistas e turistas o nadador apaixonado, — preso eternamente ao poder de um dardo argentina da Lua — a Rainha da Noite.

Lenda colhida em Guarapari.



Maria Stella de Novaes nasceu na cidade de Campos dos Goytacazes—RJ em 13 de agosto de 1894 e faleceu em 1981. Estudou no Colégio Nossa Senhora da Penha, em Cachoeiro de Itapemirim e Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em Vitória.

Fez ainda cursos especiais de pintura, piano, violino, francês, inglês, italiano, pedagogia, filosofia e liturgia. Foi professora de desenho, caligrafia, ciências naturais e história natural. Representou o Espírito Santo em diversos congressos.

Recebeu prêmios e condecorações além de diversos diplomas acadêmicos. Foi membro de diversas instituições culturais como o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e uma das fundadoras da Academia Feminina Espírito-Santense de Letras. Publicou livros sobre botânica, pedagogia, história, folclore e literatura.

